

É preciso avançar

Eleito sob o signo da continuidade da Era Lula, governo de Dilma Rousseff deverá aperfeiçoar as políticas voltadas para a Educação

Conquista

Hospital Universitário Walter Cantídio chega aos 500 transplantes de fígado realizados

História

UFC recebe doação de mais de 3 mil páginas de comunicação telegráfica do Padre Cícero



VIOLÊNCIA CONTRA a MULHER: ISSO NÃO É NATURAL!

Campanha pela vida das mulheres e em defesa da Lei Maria da Penha.

A Prefeitura de Fortaleza, através da Coordenadoria de Políticas para as Mulheres, tem promovido ações para combater a violência contra as mulheres em nossa cidade. A criação do Centro de Referência Francisca Clotilde e da Casa Abrigo Municipal, a implementação do Observatório da Violência contra a Mulher e do disque-denúncia, além dos serviços de atendimento a mulheres vítimas de violência nos Gonzaguinhas de Messejana, José Walter e no Hospital Nossa Senhora da Conceição, no Conjunto Ceará, são alguns dos avanços que a atual gestão efetivou nos últimos anos.

Direito a uma vida plena e sem violência: esse é o compromisso que a Prefeitura de Fortaleza assume com as mulheres de nossa cidade.

25 de novembro, Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher.



DISQUE-DENÚNCIA
0800.280.0804



Com o crédito do Banco do Brasil, nenhum sonho fica distante.

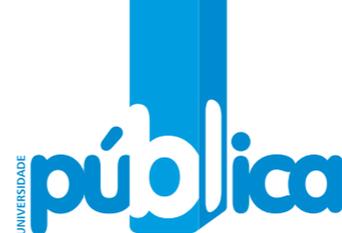
Consulte seu extrato e contrate já o seu crédito nos caixas eletrônicos, com uma das menores taxas e até 180 dias para começar a pagar. Esse momento é todo seu.

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 – SAC 0800 729 0722
Ouvidoria BB 0800 729 5678 – Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088

É DO BRASIL



Todo seu



Revista de valorização e promoção da produção científica, tecnológica e cultural da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7300
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Assessor de Comunicação Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7328

Revista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2853
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editor
Gustavo Colares/CE01861JP

Reportagens

Cristiane Pimentel/CE01863JP
Gustavo Colares/CE01861JP
Hébely Rebouças/CE2180JP
Simone Faustino/CE02133JP

Fotos

Júnior Panella/CE00100RF
Francisco Menezes

Estagiários de Fotografia

Chico Célio
Davi Pinheiro

Direção de Arte

Diego Normandi

Estagiários de Publicidade

Pedro Grangeiro
Rayana Vasconcelos

Revisão

Maria das Dores de Oliveira Filgueira
Sílvia Marta Costa

Tiragem

5.000 exemplares

Periodicidade

Bimestral

CTP e impressão
Expressão Gráfica

Continuar e avançar

A campanha presidencial que terminou no dia 31 de outubro, em segundo turno entre Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB), entrará para a história do País não somente pelo fato em si. Com 56% dos votos válidos, brasileiros e brasileiras elegeram uma mulher para comandar o Executivo nacional. Além disso, pela primeira vez, um presidente reeleito pelo povo conseguiu eleger seu sucessor, também sob o resultado das urnas. Infelizmente, o debate das políticas públicas essenciais para o futuro do País revelou-se restrito diante da prevalência de abordagens conservadoras – ou estereotipadas – e se manteve sombreado, por quase todo o período eleitoral, através de maniqueísmos ultrapassados.

Por isso, *Universidade Pública* preparou uma reportagem sobre os desafios que terá a presidente Dilma Rousseff para fazer avançar a qualidade da Educação Superior brasileira, no alerta de que é preciso ir além da “continuidade” das ações da Era Lula. A repórter Hébelly Rebouças questionou especialistas, ouviu membros da comunidade universitária e apresenta, a partir da página 18, as linhas de ação que a primeira mulher presidente do Brasil deve seguir para atingir esse objetivo.

Outra matéria de peso desta edição contempla a doação feita ao Núcleo de Documentação Cultural da UFC das mais de 3 mil páginas de comunicação telegráfica, feita entre 1911 e 1934, de uma das mais instigantes personalidades da cultura, religiosidade e política cearenses, o padre Cícero Romão Batista. Esse acervo agora está à disposição de pesquisadores que desejam investigar ainda mais o contexto histórico de alguém que é figura central de inúmeros livros e estudos acadêmicos.

Em matéria comemorativa pelos 500 transplantes de fígado já realizados pelo Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC), *UP* mostra que, apesar dos percalços da saúde pública, é possível salvar vidas e transformar a realidade de pacientes que se consideravam desenganados. Você conhecerá a história da primeira paciente transplantada no HUWC a ficar grávida depois de ter o fígado doente substituído por outro saudável.

Nossa entrevista principal é com o sociólogo César Barreira, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), ligado ao Departamento de Ciências Sociais da UFC. Estimulados pela recente ação policial que ocupou o complexo de favelas do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, conversamos com o pesquisador sobre a política de segurança pública do Estado do Ceará, que tem se mostrado ineficiente mesmo após a implementação do alardeado Programa Ronda do Quarteirão.

Esta edição encerra o ano em que *UP* completou uma década. Ciente de sua importância para o jornalismo científico cearense e nacional, que os próximos dez anos de nossa revista possam ser ainda mais estimulantes para quem a faz e para os que leem e discutem os temas que trazemos a cada dois meses. Nosso compromisso será sempre o de levantar questionamentos que façam da Educação uma área cada vez mais de amplo acesso e reconhecida qualidade.

Boa leitura e até 2011.
Um abraço.

Gustavo Colares
EDITOR UP



NOSSA CAPA

Ilustração de
Diego Normandi

É preciso avançar



FOTO: Roberto Stuckert Filho

18 **CAPA****E AGORA, DILMA?**

Governo Dilma Rousseff precisará ir além da continuidade da Era Lula se quiser melhorar a qualidade e o acesso à Educação, segundo especialistas da área

7 **ENTREVISTA**
CÉSAR BARREIRA

Coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), da UFC, o sociólogo César Barreira avalia a política de segurança pública implementada no Estado do Ceará



24

**ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL**

Resultados de pesquisa nacional ajudarão a UFC a definir as ações destinadas aos estudantes pelos próximos anos

32

**BIBLIOTECA MEMORIALISTA**

Projeto do curso de Biblioteconomia da UFC pretende reunir, em bibliotecas, acervo imaterial dos bairros Benfica e Gentilândia

28

**QUERIDO PADIM CIÇO...**

Nudoc recebe a doação de 12 volumes de telegramas recebidos e enviados, entre 1911 e 1934, pelo padre Cícero Romão Batista

34

**500 CONQUISTAS**

Hospital Universitário chega aos 500 transplantes de fígado realizados, restaurando vidas de quem precisa correr contra o tempo para viver

ENTREVISTA

por Gustavo Colares

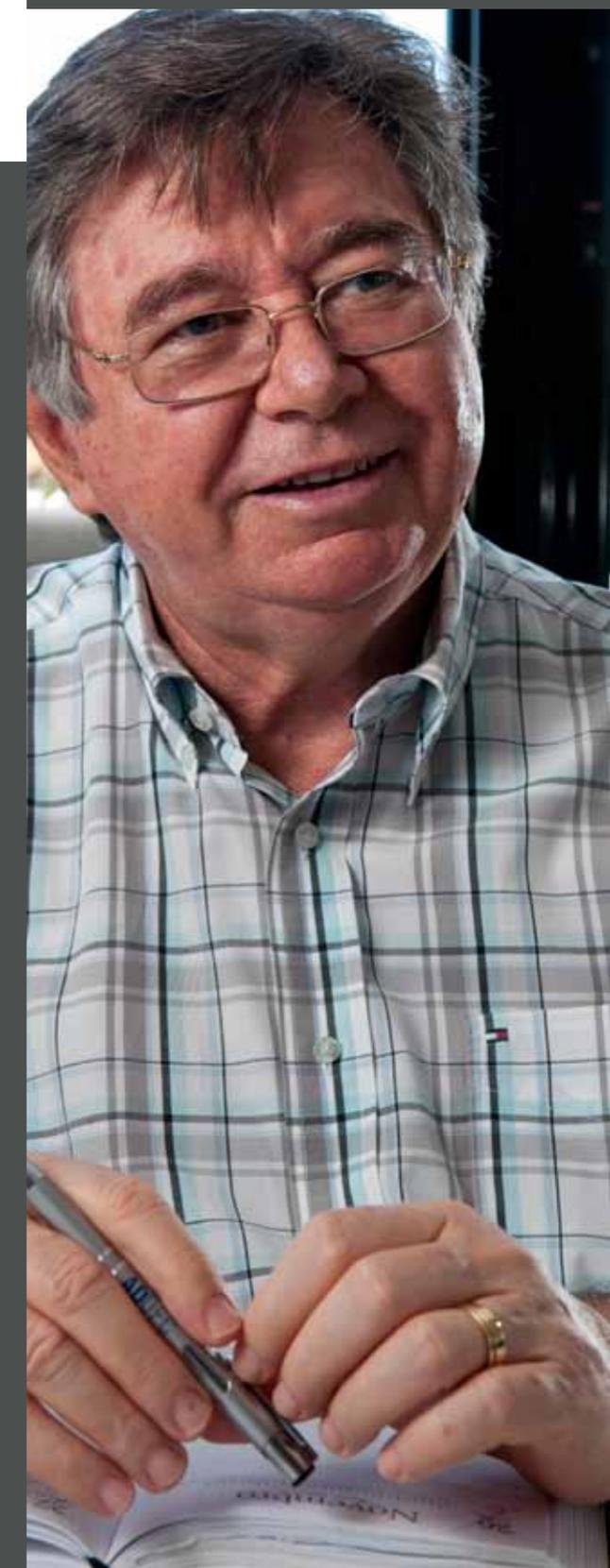
Por uma segurança pública efetiva

Manhã de domingo, 28 de novembro de 2010. Cerca de 2.500 homens das polícias Civil e Militar, do Exército e do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) iniciam operação conjunta para ocupar o complexo de favelas do Alemão, na zona norte da capital fluminense. As bandeiras do Brasil e do Estado do Rio de Janeiro hasteadas no alto do morro, ao final da ação, simbolizam a volta de um Poder Público que jamais poderia ter deixado milhares de pessoas à própria sorte. No dia anterior, o Brasil inteiro já havia assistido atônito pela TV à fuga de traficantes que, durante anos, fizeram daquela comunidade uma das maiores fortalezas do tráfico de drogas da América Latina.

A ação policial que resultou na instalação de mais uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no Rio, iniciativa sugerida para ser implantada em outras metrópoles do País, segundo o programa de governo da presidente eleita, Dilma Rousseff, instigou Universidade Pública a debater as políticas de segurança no Estado do Ceará, cujo carro-chefe, o Programa Ronda do Quarteirão, tem colecionado episódios tristes desde sua implementação, em novembro de 2007. Mais que isso, incentivou a questionar que Polícia tem sido formada nas academias e de que forma os projetos vinculados à área têm condições de combater, efetivamente, os índices crescentes de violência.

Para isso, conversamos com o Prof. César Barreira, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), ligado ao Departamento de Ciências Sociais da UFC. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Barreira é referência nacional em estudos sobre cidadania e políticas públicas para o combate da violência. Ele pesquisa há quase 40 anos, procurando entender os meandros que imperam nos conflitos sociais. De lá para cá, fez do LEV um relevante parceiro do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Violência, Democracia e Segurança Cidadã, sediado na Universidade de São Paulo (USP).

Na entrevista a seguir, o sociólogo avalia as falhas cometidas pelo Ronda do Quarteirão, defende a integração das ações de segurança pública com políticas de educação, saúde e cultura como saída para combater a criminalidade, e reflete sobre descriminalização das drogas, unificação das polícias e programas como o "Território da Paz", implementado pelo Ministério da Justiça no Grande Bom Jardim, em Fortaleza, e as próprias UPPs.



UP – O Laboratório de Estudos da Violência (LEV) tem a trajetória marcada por pesquisas sobre conflitos sociais, direitos humanos, justiça, cidadania e segurança pública. Em que iniciativas o LEV tem se inserido no combate à violência e na diminuição das desigualdades sociais?

CB – Iniciamos os nossos estudos pelos crimes por encomenda, a pistolagem. Naquela época, ocorreram assassinatos de líderes camponeses no Ceará e passei a desenvolver esse trabalho através do material que saía na imprensa. Mas percebemos que para dar conta dessa temática da violência, teríamos de entender os valores presentes nesse campo. Assim, começamos a trabalhar com os conceitos de honra, valentia, vingança e coragem. Mas o primeiro convênio que fizemos foi com a Arquidiocese de Fortaleza, sobre violência no trânsito, entre 1974 e 1975. O carro, de certa forma, é uma arma na mão de algumas pessoas. Quanto maior o carro, mais o motorista se sente dono do trânsito, matando e atropelando mais. Depois, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) nos contratou para realizar, aqui em Fortaleza, uma pesquisa sobre juventude, violência e cidadania. Foi em 1998, logo após o assassinato do índio Galdino, em Brasília. As pessoas começaram a se preocupar com o fato de a violência não estar presente apenas na classe pobre. Entramos na década de 2000 com uma pesquisa sobre a política de segurança pública no Estado do Ceará, financiada pela Fundação Ford. Trabalhamos todo o período de 1986 a 2002, os três governos Tasso Jereissati e o governo Ciro Gomes. Foi a partir desse estudo que se abriu uma nova frente para começarmos a trabalhar com políticas de segurança pública. Veio, então, outra pesquisa muito importante para o LEV, financiada pelo Banco do Nordeste. Pesquisamos os crimes e a violência na região semiárida do Nordeste, através de um mapea-

mento de várias cidades da região, depois se concentrando em Juazeiro do Norte (CE), Campina Grande (PB) e Petrolina (PE). O Banco tinha a preocupação de como a violência poderia afetar alguns investimentos feitos pela Instituição. Com financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), estamos concluindo a pesquisa “Novos Atores, Novos Olhares”, sobre segurança pública em Fortaleza. Fizemos uma etnografia dos bairros considerados mais perigosos da Capital, caso do Serviluz, do Bom Jardim e da Aerolândia. Nesses três bairros, avaliamos como a política do Estado em segurança pública tem alcançado resultados. Nosso grande objetivo também é compreender que violência é essa. Hoje, toda prática juvenil é classificada como violenta, e nós trabalhamos na contramão disso. Queremos compreender os valores presentes na violência juvenil. Nós já concluímos, por exemplo, que a juventude é muito mais vítima do que agressora. O jovem morre muito mais do que mata. Nesses bairros, com toda a miséria presente e a falta de políticas públicas, a população procura ter uma vida normal. Na Aerolândia, as relações sociais são constituídas a partir do clima de violência; os pais vão, às 22h, buscar os filhos no ponto do ônibus, encontrando, portanto, alternativas diante dessa violência. No Serviluz há o surfe, o jovem de lá está preocupado com o lazer. Como contraponto disso, é muito forte a ausência do Estado nesses bairros, as políticas sociais ainda são muito ausentes.

UP – A UFC, através do LEV, é parceira do Ministério da Justiça em cursos de especialização voltados para policiais militares e civis, agentes de trânsito, Polícia Rodoviária Federal e Corpo de Bombeiros. Quantos profissionais já passaram por essa formação e que resultados surgiram a partir dessa parceria?

CB – Já realizamos cinco turmas dos



cursos de especialização, três de Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos e dois de Polícia Comunitária. São cursos voltados não só para discutir técnicas de pesquisa, mas para que os policiais compreendam sobre direitos humanos, cidadania e conflitos sociais. Os alunos-policiais dizem que saem diferente do curso depois do contato com a universidade, que é um lugar multicivil. Lá, eles são estudantes, o professor é a única autoridade. Discutimos para que eles compreendam sua prática policial, mostrando que eles estão a serviço de uma segurança para o cidadão. Eles chegam ao final do curso dizendo-se não apenas um policial, mas um educador social. Ou seja, eles passam a se preocupar muito mais com o bem-estar das pessoas. É uma modificação que refletirá, com certeza, em melhorias para a população. Já se formaram, pelo menos, 200 policiais.

“O assassinato do garoto Bruce Cristian é uma das cenas mais negativas do Programa Ronda do Quarteirão porque ali ficou clara a falta de preparo psicológico e técnico do policial. Foi uma ação totalmente desastrosa.”

UP – O Programa Ronda do Quarteirão colecionou tristes episódios neste primeiro mandato do Governador Cid Gomes. Onde o programa falhou em sua proposta de polícia comunitária?

CB – De antemão, sou um defensor do Programa Ronda do Quarteirão. Mas o primeiro problema surgiu quando ele se confundiu com a própria política de segurança pública do Estado do Ceará. Acredito que esse foi o grande equívoco. O Ronda deveria ter sido colocado no interior de uma grande política de segurança pública estadual. Houve ainda um problema de indefinição da própria prática do programa. O Ronda se colocava como polícia de proximidade, comunitária, mas havia alguns anseios da população, baseada nessa própria indefinição do programa, que fazia com que ele se colocasse, em certas situações, como uma política ostensiva. Isso foi um equívoco, pois o Ronda ficou maior do que deveria, a população passou a exigir que ele ocupasse outros espaços. Para mim, o Ronda deveria estar junto a outras polícias especiais, como o Comando Tático Motorizado (Cotam) e o Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE). Além disso, o Ronda já nasceu em cima de muitas críticas, como é o caso do uso de viaturas Hilux e de cenas que macularam muito a imagem do programa, como o assassinato do garoto Bruce Cristian. É uma das cenas mais negativas do Ronda porque ali ficou clara a falta de preparo psicológico e técnico do policial. Foi uma ação totalmente desastrosa. É também importante e preocupante destacar que o Ronda não conseguiu conter os índices de violência, ao contrário. Houve aumento de homicídios no Ceará, mais especificamente em Fortaleza. Houve aumento na curva de homicídios e de assassinatos cometidos com arma de fogo. Verificamos que isso é decorrente da circulação de armas em Fortaleza e de disputas do interior do tráfico de drogas. É interessante que as pessoas acham que a presença da droga é o que provoca essa violência. Mas não é necessariamente. Nós sabemos que várias armas que hoje estão nas mãos do traficante já pertenceram ao Exército ou à Polícia. O traficante aluga ou dá essa arma ao jovem para que ele faça cobrança de

dívidas. Há estudos que provam que a droga em si não pode ser colocada como causadora dos homicídios, mas o mercado da droga, as redes que são construídas no interior do tráfico, o fato de a pessoa ter de usar uma arma não somente para obter drogas, mas para resolver litígios que existem no interior do comércio de drogas.

UP – Então, é viável pensar que a descriminalização de drogas, como a maconha, poderia ser um fator de diminuição dos índices de violência?

CB – Poderia, sim. Se houvesse um projeto forte não somente de descriminalização de algumas drogas, mas também de educação, poderia haver diminuição dos índices de violência. Hoje está provado que é o comércio da droga a causa de muitas mortes. Tanto que a violência, nesse segmento, é muito mais forte nos setores pobres. É até uma violência muito discriminadora. Não é o consumo, mas a violência a partir da droga.

UP – O que deve ser modificado no Ronda do Quarteirão para que ele possa, finalmente, reduzir a criminalidade em Fortaleza e no Interior do Estado?

CB – Primeiro, desenvolver uma política de segurança pública articulada com outras políticas. Nós temos de ter uma política integrada, trabalhar conjuntamente com educação, saúde e cultura. E termos um forte aval de uma secretaria de planejamento, onde essas áreas devem ser planejadas. Segundo, teríamos de ter uma política voltada a situações mais específicas. Defendo um forte peso na questão da juventude, com uma secretaria que concentre todas as políticas voltadas para a juventude. Trabalhar fortemente com educação integral, um Estado mais voltado para a arte e a cultura. Nossos estudos apontam que a relação é muito direta. Se o jovem não fica ocioso e se volta para a arte e o esporte, ele sai não somente da violência, mas da droga. Terceiro, o Ronda precisa ter

clareza sobre o seu papel. Para mim, tem de ser uma polícia especializada na proximidade, comunitária. Nós tivemos vários avanços na política de segurança pública do Ceará com relação à possibilidade de conter a violência e a criminalidade. Uma delas é o próprio perfil do secretário Roberto Monteiro. Para mim, um bom perfil. Ele tem sensibilidade diante desse quadro de violência no Estado, ele quis negar essa truculência da polícia, essa relação entre violência e mídia. Ele tem uma postura de fazer uma limpeza nas polícias civil e militar, de propor um novo ordenamento para as delegacias. Ele executou uma política que defendo como correta. Por outro lado, tivemos o Ronda do Quarteirão, que poderia ter dado outro resultado.

UP – O Governador Cid Gomes anunciou que pretende tirar a Corregedoria Geral da estrutura da Secretaria de Segurança Pública. O senhor concorda com essa ideia?

CB – Concordo. A Corregedoria não pode ficar presa a uma situação que ela mesma analisa, ela tem de ter total autonomia. Não somente a Corregedoria, mas o próprio Instituto Médico Legal (IML). Esses dois órgãos precisam ter autonomia total para dar conta de investigações mais íntimas, mais voltadas para o científico mesmo. Outro dado importante para uma nova política de segurança pública seria o Estado voltar-se mais para a educação do policial, num sentido bem amplo onde a formação do policial englobe não somente o treinamento técnico, mas relacionamento humano, administração de conflitos sociais.

UP – Quando se fala em segurança pública, é preciso atentar para as condições de trabalho dos policiais. Que iniciativas devem ser colocadas em prática para estimulá-los a exercer seu trabalho de forma satisfatória?

CB – Temos de ter uma recuperação da autoestima do policial, com políticas sociais voltadas exclusivamente



para esse profissional. Não é apenas o salário, mas temos de ter políticas para a saúde e a habitação do policial, por exemplo. Basicamente, essas duas questões fariam com que ele tivesse mais estímulo para trabalhar. Com formação policial continuada, teríamos mudanças. O que nós ouvimos muito dos policiais é que eles aprendem determinada ação no treinamento, mas na prática não usam. Dizem que a população quer um policial mais violento, mas nossas pesquisas apontam que isso não é verdade. A sociedade quer uma polícia mais efetiva, não necessariamente mais violenta, o que é bem diferente. Quer que a polícia prenda quem comete um delito e que essa pessoa seja julgada.

UP – Em que medida a impunidade e a falta de acesso à Justiça geram mais violência?

CB – A impunidade não é somente deixar de punir uma pessoa. Ela também serve para replicar que as pessoas acham que podem cometer um crime e, mesmo assim, não serão

“Não precisamos instalar UPPs aqui no Ceará, mas podemos instalar bases da Polícia em determinadas áreas. É preciso transformar as delegacias que temos hoje em espaços mais sofisticados.”

condenadas. Isso é muito perverso. Teríamos de ter uma Justiça mais flexível diante de determinadas situações. Nós temos no Ceará as Casas de Mediação, que, na minha avaliação, é uma das políticas mais corretas do Estado. Nas pesquisas que fizemos ali, mais de 90% dos casos são resolvidos e não há reincidência. Nesse sentido, elas deveriam ser mais ampliadas. São resolvidos conflitos do dia a dia e da vizinhança, evitando que eles se tornem mais sérios.

UP – Há teorias de que a violência é causada pela deficiência de índices sociais. Mas nos últimos oito anos, segundo o Governo Federal, foram criados quase 15 milhões de empregos com carteira assinada e pelo menos 24 milhões de pessoas saíram da pobreza absoluta.

CB – Os estudos em Ciências Sociais apontam que não se pode fazer uma relação direta entre violência e pobreza. Nós podemos, sim, fazer entre violência e desigualdade social. Nesse caso, entra um elemento que é o consumo diferente. Muitas violências ocorrem porque o jovem gostaria de ter uma camisa ou um tênis de marca, usufruir de determinado benefício que outro jovem, da mesma idade, usufrui. Há também um cenário de pobreza que é propício à violência, o fato de que a periferia é uma área menos beneficiada de políticas sociais, mais descoberta de segurança pública, por exemplo.

UP – A unificação das polícias pode melhorar os níveis de segurança pública?

CB – Antes eu era favor da unifica-

ção. Mas acredito que hoje temos coisas até mais sérias para resolver. Na verdade, devemos é unificar a prática policial, através de ações mais coletivas e articuladas, com envolvimento do policial civil, do militar, do próprio Exército e Corpo de Bombeiros. Poderíamos ter também a unificação do treinamento, com as academias de polícia unidas, até com participação mais forte das universidades. Acredito que se formaria todo um processo para somente depois pensarmos em unificação das polícias.

UP – Em algumas comunidades cariocas foram instaladas as UPPs, que, pelo menos à primeira vista, parecem ter tido sucesso na redução da criminalidade em favelas. O senhor acredita que esse modelo pode ser replicado em outras metrópoles do País?

CB – Eu tenho muito receio quando não se percebem as diferenças dos estados. A realidade do Ceará é muito diferente da do Rio de Janeiro. As UPPs são instaladas após ações como a retomada do Complexo do Alemão, recentemente. Ou seja, a Polícia e o

Exército ocupam espaços antes dominados pelo tráfico e ali instalamos a UPP. Nesse sentido, analisar a UPP como a presença do policial é muito importante. Não precisamos instalar UPP aqui no Ceará, mas podemos instalar bases da Polícia em determinadas áreas. É preciso transformar as delegacias que temos hoje em espaços mais sofisticados. O caso claro do Rio é que ali o Estado era ausente e, nesse sentido, é correta a ocupação se vier acoplada a políticas sociais. É muito mais importante termos uma articulação de segurança pública com políticas sociais do que ter o Exército ali presente. Têm de ser instaladas, no Complexo do Alemão, escolas, bibliotecas públicas e áreas de lazer.

UP – Há mais de um ano, o Grande Bom Jardim recebe ações do “Território da Paz”, um dos projetos do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), do Ministério da Justiça. Porém, houve ali um aumento de 22% nos assassinatos.

CB – A questão do homicídio não pode ser afetada a curto prazo. Voltamos à questão das redes do crime: nós temos de saber por onde circula uma pessoa que comete assassinato. Ela pode morar em outro bairro e cometer o crime no Bom Jardim. Que redes são construídas para que esse assassinato ocorra? Acredito que o “Território da Paz” é uma medida correta do Governo Federal, mas vai ser eficiente apenas a médio prazo. Tem de haver envolvimento maciço da comunidade local, das famílias, escolas, ONGs daquela área. O plano desse projeto tem de atingir todo esse espectro e, nesse sentido, ainda é deficiente. Mas acredito que ele e o “Mulheres da Paz”, mesmo sendo medidas de médio a longo prazo, são políticas que deveriam ser espalhadas para outros bairros. 🗣️

Conhecimento premiado

Cada vez mais, pesquisas da UFC têm conquistado reconhecimento Brasil afora, contribuindo para que a Instituição cumpra o desafio de tirar a teoria das prateleiras e aperfeiçoar o dia-a-dia da população

por Hébely Rebouças

A máquina do tempo, o teletransporte, os carros voadores – afinal, quem nunca imaginou como seria bom se eles existissem? Invenções mirabolantes à parte, o fato é que todo brasileiro sonha com soluções práticas para problemas do dia-a-dia. No desafio de se inserir no cotidiano da sociedade, a Universidade Federal do Ceará está atenta às necessidades da população. Nos últimos dois meses, a Instituição recebeu pelo menos seis prêmios nacionais por pesquisas que, além de refletirem crescimento acadêmico, mostram como a UFC também dialoga com setores do mercado, criando produtos que, cedo ou tarde, deverão ser incorporados ao cotidiano da sociedade.

Exemplo disso é o trabalho do doutorando em Engenharia Agrícola da UFC, Tadeu Macryne Lima, que aperfeiçoou e testou um novo método para análise de umidade do solo, em lotes utilizados para plantio. Em setembro, ele venceu o Prêmio Gerdau Melhores da Terra – Categoria Pesquisa e Desenvolvimento (Nível Estudante), com a pesquisa “Estratégia de monitoramento em sistemas de irrigação utilizando redes de sensores sem fio”.

O assunto tem efeito direto na

atividade agrícola. Tadeu apresenta uma nova forma de monitorar a quantidade de água no solo, tarefa necessária para definir o ritmo de irrigação e, conseqüentemente, pode determinar a qualidade dos produtos. O método, desenvolvido pelo ex-doutorando da UFC Clemilson Costa dos Santos, prevê a instalação de pequenos sensores na área plantada. Esses instrumentos possuem uma pequena antena, responsável por captar as imagens do solo e enviá-las, por radiofrequência, a um computador, que pode estar instalado em qualquer local, até mesmo na residência do agricultor.

Através do monitoramento remoto, o trabalhador passa a saber exatamente quando precisa irrigar o local e qual a quantidade necessária de água, evitando desperdícios. Conforme explicou Tadeu, o modelo “certamente virará produto comercial, mas ainda está em fase de aperfeiçoamento”. Atualmente, o método é utilizado em países como Estados Unidos e exportado para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, a preços geralmente altos. Com o desenvolvimento da pesquisa, deverá haver barateamento do processo, que poderá ser utilizado em outras regiões.



Medicina

Saindo das Ciências Agrárias e passando para a área da Medicina, a UFC também tem bons exemplos de pesquisas nacionalmente prestigiadas, com possibilidade de aplicação prática. No início de setembro, o médico Paulo Roberto Lacerda Leal, doutorando em Cirurgia na Faculdade de Medicina, recebeu o Prêmio Jovem Neurocirurgião 2010, concedido pela Sociedade Brasileira de Neurocirurgia.

Lacerda estudou uma forma de melhorar o prognóstico das cirurgias de “descompressão vascular”, que são uma alternativa de tratamento de uma doença neurológica chamada “neuralgia primária do trigêmeo”. Causada pela pressão de vasos sanguíneos contra os chamados “nervos trigêmeos” – localizados próximos ao tronco cerebral –, o problema afeta no mundo cinco em cada 100 mil habitantes a cada ano, provocando dores faciais insuportáveis.

De acordo com o neurologista, a forma mais apropriada de curar a doença é a cirurgia que afasta nervo e vaso sanguíneo, dando fim à compressão. Antes de realizá-la, os médicos submetem o paciente a exames de ressonância magnética, para se certificar de que há um vaso comprindo

o nervo e qual o grau de intensidade da compressão. É nessa fase que entra o estudo de Paulo Roberto.

Segundo o médico, o nervo trigêmeo é minúsculo, com largura de cerca de três milímetros e comprimento de aproximadamente 12 milímetros. Não bastasse isso, ainda está localizado em uma região complexa do cérebro, rica em vasos sanguíneos finos e de extrema importância para a irrigação cerebral. O problema é que as técnicas convencionais de ressonância são incapazes de visualizar tamanha riqueza de detalhes.

Por isso, Paulo Roberto adaptou e testou um protocolo diferente de imagem de ressonância, com alta sensibilidade para detectar as compressões. “Isso permite que, ainda no pré-operatório, se saiba quais pacientes terão real benefício com a cirurgia. Aqueles cuja compressão é mínima devem submeter-se a outros tratamentos”, explicou.

O estudo resulta da tese de doutorado de Paulo Roberto, que está sendo orientada pelos professores Miguel Ângelo de Souza, do Departamento de Clínica Médica, e Gerardo Cristino, Diretor da Faculdade de Medicina do Campus da UFC em

Sobral. Além de certificado e premiação em espécie para compra de material cirúrgico, o médico terá seu trabalho publicado no portal da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e na Revista “Arquivos Brasileiros de Neurocirurgia”.

Energia limpa

Engana-se quem pensa que a UFC é premiada apenas com pesquisas desenvolvidas em mestrados e doutorados. O estudante Eduardo Façanha, do último ano da graduação em Engenharia Elétrica, é a prova de que é possível ganhar prestígio e reconhecimento ainda na primeira etapa da vida acadêmica.

Em outubro, ele conquistou o primeiro lugar na categoria Estudante de Ensino Superior do XXIV Prêmio Jovem Cientista, promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orientado pelo Prof. Demercil de Souza Oliveira, ele desenvolveu um “Conversor estático de baixo custo e alto rendimento para sistemas eólicos de pequeno porte”.

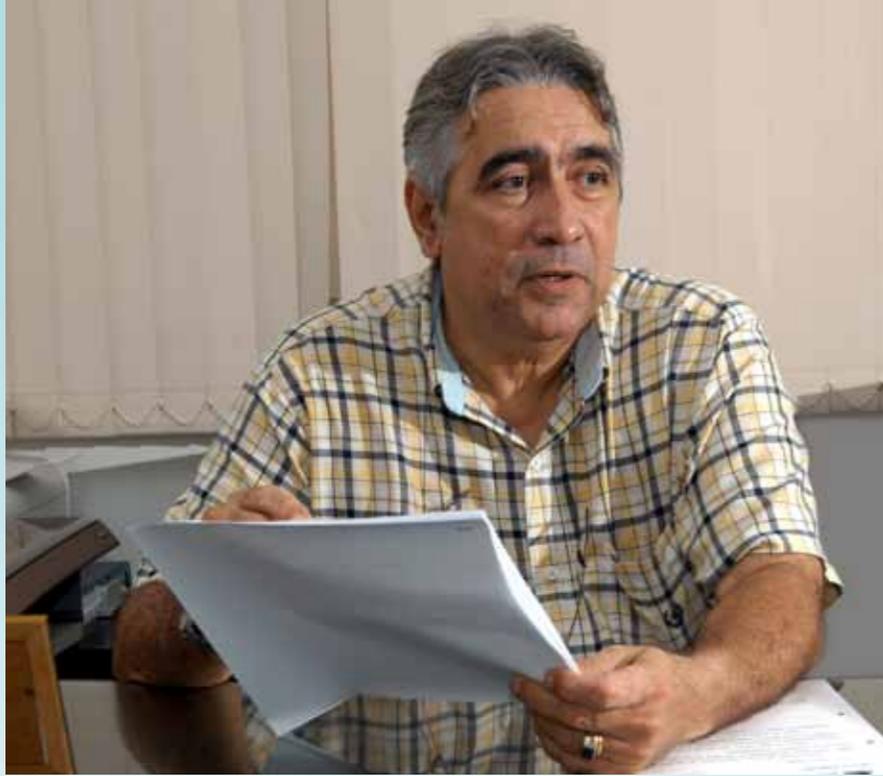
De acordo com o estudante, é



Pequenos sensores na área plantada são capazes de monitorar a quantidade de água no solo e evitar desperdícios



De baixo custo, conversor desenvolvido por Eduardo Façanha é capaz de captar a energia dos ventos para residências e estabelecimentos comerciais



Prof. Gil de Aquino Farias, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC: além de incentivo a demais estudantes e professores, prêmios podem beneficiar a Instituição em disputas por financiamentos

uma forma “simples, barata e robusta” de captar a energia dos ventos para residências e estabelecimentos comerciais. Através dessa tecnologia, qualquer casa pode adotar o sistema eólico para complementar seu consumo de energia. Basta que se adquira um aerogerador doméstico e um conversor criado por Eduardo. Assim, reduz-se o consumo de eletricidade, o que possibilita economia na conta mensal de energia.

Segundo Eduardo, o uso do conversor pode chegar a zerar a conta em uma residência típica de classe média, com até quatro moradores. Questionado sobre o potencial comercial do invento, o Prof. Demercil explicou que “o mercado é emergente” e que as expectativas são positivas. O conversor para sistemas eólicos de pequeno porte foi desenvolvido com apoio da empresa Enersud e já está sendo patentado pela UFC.

Mais prêmios

Os exemplos citados até aqui por *UP* são apenas parte de uma grande lista de prêmios conquistados pela Universidade ao longo de todo o ano. Desde

setembro, há pelo menos outras duas iniciativas bem-sucedidas, como o projeto “Aproveitamento de Resíduos Provenientes da Indústria Siderúrgica para Construção de Pavimentos Econômicos no Estado do Ceará”, dos alunos Francisco Israel Teixeira Cavalcante e Synardo Pereira, do último semestre do curso de Engenharia Civil. Eles venceram o Prêmio Odebrecht, que a UFC já conquistou outras duas vezes. A pesquisa propõe o uso de resíduos da produção do aço, chamados de escórias de aciaria, para substituir a brita na construção de camadas granulares e no revestimento de pavimentos de rodovias de baixo volume de tráfego.

Além de Israel e Synardo, os professores Patrícia Verônica de Lima e Ahmad Saeed Kham, do Centro de Ciências Agrárias, também conquistaram prêmios, desta vez com o artigo “Formação superior: uma prioridade da educação para a sustentabilidade no Brasil”. Os dois foram reconhecidos pelo Prêmio Ethos-Valor, promovido pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social e pelo jornal Valor Econômico. Eles discutiram os “requisitos para que a formação universitária prepare estudantes para o desafio da sustentabilidade”.

Vantagens

Para além de mera vaidade, ter pesquisas premiadas nacionalmente conta pontos para a Universidade. É o que afirma o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC, Prof. Gil de Aquino de Farias. Segundo ele, além de funcionar como incentivo aos demais professores e estudantes, a situação pode beneficiar a Instituição em disputas por financiamento de novas pesquisas, por exemplo. “Na medida em que isso entra no currículo lattes do professor, pode ajudar em um edital que ele esteja participando, como critério de desempate. Para o estudante, também é importante, numa disputa de bolsa”, exemplificou.

Outra vantagem, segundo Gil, é a visibilidade que prêmios nacionais dão às pesquisas, o que ajuda a UFC a cumprir o desafio de tirar o conhecimento teórico das prateleiras. “É muito provável que esses estudos entrem de alguma forma em revistas, livros, publicações. Isso ajuda na divulgação de nossa produção”, avaliou. 



Em seu terceiro ano consecutivo, Festival UFC de Cultura atraiu cerca de 20 mil pessoas em cinco dias de programação dedicada a pensar nossa relação com a África e os países lusófonos

Numa noite estrelada, a cubana Mayra Andrade subiu ao palco da Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará e cantou sobre a “força de um sentimento” capaz de unir “os filhos do Atlântico”. Em torno da voz rouca da cantora radicada em Cabo Verde, o público entendeu bem o recado e, de 18 a 22 de outubro, celebrou e refletiu as interseções entre a nossa cultura e a de países que falam a língua portuguesa no III Festival UFC de Cultura – Encontros e Diálogos Além-Mar.

Este ano, o evento reuniu, em cinco dias, cerca de 20 mil pessoas, que participaram de debates e palestras no seminário acadêmico, dos shows nacionais e internacionais realizados nos campi do Benfica e do Pici, da mostra de bandas universitárias, da IV Mostra de Cinema Africano, de oficinas e minicurso, das feiras de gastronomia e artesanato, entre tantas outras atividades.

Consolidado no calendário universitário e do Estado como oportunidade para se divertir, aprender e refletir sobre grandes temas, o Festival trouxe à tona os diálogos possíveis e os laços que unem o Ceará a povos, em princípio, apenas separados pelo Oceano Atlântico. Como se sabe, a cultura cearense é permeada pelos costumes da África, seja através da culinária, da dança ou das manifestações populares, como pôde ser observado nas apresentações que os grupos de cultura popular, como o Maracatu Az de Ouro e o Afoxé Acabaca, fizeram, durante o Festival, no Bosque Moreira Campos, no campus do Benfica.

Raphaelle Batista e Danilo Castro, estudantes do Curso de Comunicação

Social da UFC, participaram do Festival como cerimonialistas dos shows musicais à noite, nos campi do Benfica e do Pici. Para eles, mais que experiência profissional, a oportunidade significou representar os alunos da Instituição no evento e rendeu boas histórias. “O convite para apresentar os shows do Festival trouxe, além da responsabilidade, o desafio de representar os estudantes da UFC, dar a cara deles para o evento. O número grande de pessoas nos assistindo me deixou um pouco nervosa, especialmente nos primeiros dias, mas aos poucos o trabalho foi evoluindo”, avalia Raphaelle. “O público também estava sempre bastante receptivo, aqueles eram os momentos de celebração depois das atividades do dia,



Radicada em Cabo Verde, a cubana Mayra Andrade apresentou, na Concha Acústica da UFC, seu mais recente álbum: "Stória, stória..."

curso técnico de teatro do Ceará. O espaço é dedicado à memória das artes cênicas cearenses, através de fotografias, livros e outros documentos doados pelo próprio Ricardo Guilherme. "A ideia é que não somente as pessoas venham aqui, mas possam consultar através da Internet. A partir de agora, vamos começar a construir um site e digitalizar todo esse acervo", adiantou o dramaturgo durante a inauguração.

Outro ponto alto do Festival, que atraiu a atenção de especialistas e pesquisadores em Literatura até de fora do Estado, foi o lançamento dos manuscritos inéditos "Antiguidade da América" e "A raça primogênita", escritos, em 1877, pelo romancista cearense

José de Alencar. Os textos estavam guardados há mais de 130 anos no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Organizada pelo Prof. Marcelo Peloggio, do Departamento de Literatura da UFC, a obra que reúne os textos é resultado de um trabalho de três anos, feito em parceria com a equipe de pesquisadores do grupo de pesquisa José de Alencar.

"Os textos são de caráter místico e adentram no campo da antropologia filosófica, algo inusitado em se tratando de um autor visto pela crítica, às vezes, como um nacionalista ferrenho, apenas voltado para os temas nacionais. Mas nesse trabalho ele universaliza certas questões e até se antecipa a problemas contemporâneos", explicou Peloggio.

Em cartaz até o fim de novembro, estendendo-se para além do período do III Festival UFC de Cultura, a Mostra Retrospectiva "Catadores do Jangurussu", do pintor cearense Descartes Gadelha, foi aberta no primeiro dia do evento com a presença do próprio artista plástico e de mestres do maracatu cearense. Reunidos no Museu de Arte da UFC, público e integrantes do Maracatu Solar, comandado pelo cantor Pingo de Fortaleza, realizaram um cortejo pelas mais de 120 obras de Descartes ali expostas. Ver suas pinturas e desenhos nas paredes do Museu, em meio à batida do ritmo de ancestralidade africana, emocionou o artista enquanto ele relembrou o início da produção desse trabalho. "Pensei: eu vou pintar a alma dessas pessoas. Não me interessava a paisagem física do lixo, mas o sentimento daquelas pessoas, o que funciona na cabeça e no coração de um catador desses".

Pela primeira vez, o Festival aconteceu simultaneamente aos Encontros Universitários, momento em que a UFC expõe para a sociedade os resultados de pesquisas e atividades de docência e extensão desenvolvidos ao longo do último ano. Para o coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC e organizador do Festival, Paulo Mamede, a iniciativa de unir os dois

eventos trouxe prós e contras que precisam ser mais discutidos – como a superposição das programações e a participação de alunos bolsistas nos dois eventos –, mas a ideia pode ir além. "Para que os Encontros aconteçam junto com o Festival e até mesmo com os Jogos Universitários, é preciso muito amadurecimento, muita organização. A ideia é parar as aulas para a Universidade ferver com muita programação e participação. Vamos caminhar nessa direção. Seria um momento de reflexão e ação dentro da UFC", observa.

Para ele, o que consolidará a UFC como referência cultural é a sua produção, suas pesquisas, seus programas de extensão e, principalmente, os profissionais que ela forma. "O Festival é apenas um momento de comunhão, de dar visibilidade àquilo que produzimos", esclarece. Sobre o tema do próximo Festival, Mamede admite que ele será decidido a partir de uma série de consultas a professores, estudantes, servidores e membros da Administração Superior da UFC. "Mas já surgiu um tema, que particularmente gosto muito, que seria celebrar a América Latina".

Os estudantes Danilo Castro e Raphaelle Batista, do Curso de Comunicação Social da UFC, apresentaram shows musicais no Benfica e no Pici



Destaque da programação nacional, a sambista carioca Mart'nália reverenciou a África em show no campus do Pici

O FESTIVAL EM NÚMEROS

13 shows nacionais e dois internacionais, com público total de 16 mil pessoas

Quatro apresentações de grupos de cultura popular

215 participantes na IV Mostra de Cinema Africano, que exibiu nove filmes

523 participantes no Seminário acadêmico, que trouxe 16 convidados

243 participantes em 11 oficinas e um minicurso

Durante o Festival, foi possível aprender a fazer penteados afros em oficina ministrada por estudantes africanos



A eleição acabou. Dilma venceu. E agora?

Ao longo da campanha eleitoral, o debate sobre a Educação Superior passou despercebido em meio a temas como o aborto. Nas próximas páginas, UP discute as perspectivas para o setor no Governo Dilma Rousseff e os desafios que ela terá de enfrentar para superar a "continuidade" à Era Lula

por Hébelly Rebouças

Passada a disputa eleitoral e definida, enfim, a sucessora do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, vale a pena tentar responder à seguinte questão: afinal, o que pensa a eleita Dilma Rousseff (PT) sobre o Ensino Superior brasileiro? Na campanha em que temas ligados à religião e à família, como o aborto, ocuparam lugar central no debate político, assuntos estratégicos como Educação acabaram jogados ao segundo plano.

Para os próximos quatro anos, Dilma prometeu dar "continuidade" aos feitos de seu mentor, Lula. Pelo menos em tese, isso significa manter o crescente ritmo de investimentos na área. Para 2011, no que depender das intenções do Governo, serão

gastos no Ceará cerca de R\$ 101,5 milhões com obras e novos serviços em instituições federais. O valor é quase o dobro do que havia sido previsto para o Estado em 2010, de acordo com a proposta orçamentária da União.

Caso aprovada no Congresso Nacional, a maior parte dessa cifra (R\$ 32 milhões) será reservada para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), que começa a funcionar já em março, na cidade de Redenção. Em segundo lugar no ranking de investimentos para a Educação Superior no Ceará, vem aquele que é considerado o maior responsável pelo aumento de recursos na área: o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

Balanco e retrospectiva

Enquanto o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-

2002) procurou centrar forças na Educação Básica – criando, por exemplo, o programa Bolsa Escola e o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (Fundef) –, o Governo Lula buscou recuperar o fôlego das instituições superiores, sobretudo as públicas.

Basta andar pelos corredores da Universidade Federal do Ceará para flagrar o volume de prédios recém-construídos, equipamentos adquiridos e novos cursos funcionando. Embora, às vezes, a constatação seja acompanhada de críticas, o fato é que o Reuni provocou transformações nesse cenário.

De acordo com dados do Ministério da Educação (MEC), de 2003 a 2010, subiu de 148 para 274 o número de campi Brasil afora, espalhados principalmente pelo Interior dos estados. Foram realizados 27 mil concursos para professor no mesmo período, quando

também houve aumento na quantidade de vagas na graduação: de 109,2 mil para 222,4 mil vagas.

O setor privado também foi alvo de esforços financeiros na Era Lula. O Programa de Financiamento Es-

tudantil (Fies), por exemplo – criado durante a administração de FHC – teve as regras flexibilizadas para atender mais alunos. Além disso, criou-se o Programa Universidade Para Todos (Prouni), que duplicou (de 112,2 mil para 241,3 mil) as bolsas estudantis em universidades particulares, de 2005 até este ano.

É muito? Avalia-se que sim. É o suficiente? Está longe de ser.

Assim pondera o especialista em Ensino Superior e professor da UFC Cláudio Marques. Segundo ele, apesar da onda de investimentos, somente 15% dos jovens de 18 a 24 anos estão na universidade. Para se ter ideia do atraso, basta lembrar que a meta do Plano Nacional da Educação (PNE) era que, até 2010, esse percentual fosse de 30%.

Além disso, de acordo com Marques, a grande maioria – em torno de 75% – das vagas encontra-se nas universidades particulares. “No Governo FHC, a situação econômica do País era diferente e as universidades acabaram penalizadas, uma vez que os investimentos foram congelados. Isso repercutiu no tamanho da participação das federais no Ensino Superior. Como o momento era de estagnação dos recursos, quase toda a ampliação, na época, foi feita nas particulares, que custam menos ao Governo”, explicou.

É essa a realidade que espera por Dilma a partir de 1º de janeiro de 2011. O legado do Presidente Lula, entretanto, requer mais que “continuidade” ao que vem sendo feito. Todos os pesquisadores e representantes de entidades ouvidos por UP foram categóricos: há lacunas a serem preenchidas e uma série de pontos em que será preciso avançar.

Projeto de Brasil

Repensar o papel das universidades e inseri-las definitivamente na busca por soluções práticas para os problemas socioeconômicos do País é considerado por especialistas um dos desafios prioritários. “A universidade tem autonomia e precisa trabalhar todas as áreas do conhecimento, claro. Entretanto, ela tem de estar a serviço de um projeto de Brasil”, avaliou o deputado federal reeleito e ex-secretário de Ciência e Tecnologia do Ceará, Ariosto Holanda (PSB).

O parlamentar lembrou que, no momento em que o País cresce economicamente e se prepara para receber grandes investimentos, há déficit de engenheiros no mercado e na pesquisa. “Tanto os governos quanto as universidades precisam definir um foco e trabalhar junto em alguns setores. Durante uma reunião feita recentemente com reitores do Nordeste, apresentou-se que 60% dos universitários brasileiros estão matriculados em apenas quatro cursos: Direito, Contabilidade, Administração e Pedagogia”.

A questão vai além das exigências mercadológicas e diz respeito também à importância social da universidade. “É muito triste constatar que estamos na fronteira do conhecimento em algumas áreas, ganhamos prêmios por pesquisas em tecnologia de ponta, mas, ao mesmo tempo, não sentimos o resultado disso nas camadas mais pobres”, lamentou o Reitor da UFC, Jesualdo Farias.

Fome, drogas, violência e outros problemas crônicos do País têm sido alvos permanentes de estudos da



academia. Porém, conforme o Reitor e o parlamentar, seria preciso “abraçar a causa” com ainda mais força, através de novos incentivos do Governo. “Sabemos que o passivo é enorme e que os problemas crescem numa projeção maior que a capacidade de resolvermos. Mas há setores da universidade que ainda não veem certas deficiências sociais como um problema nosso”, pontuou Jesualdo.

Valorizar as ações de Extensão é uma das propostas para intensificar o diálogo entre a Universidade e a população. Atualmente, professores e estudantes que se dedicam a essa parte do “tripe” acadêmico não têm o mesmo incentivo que os pesquisadores. Para tentar reverter ou amenizar essa disparidade, tramita no Senado projeto de lei para criar o Fundo da Extensão, que destinaria cerca de R\$ 400 milhões por ano às atividades extensionistas. O dinheiro seria oriundo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). O projeto já foi aprovado na Câmara dos Deputados e, depois de analisado pelos senadores, volta à Casa para, só então, seguir para a sanção presidencial.

Em alguma medida, as instituições até já têm procurado atender

às demandas da região na qual se inserem, seja no ensino, na pesquisa ou extensão. O problema é que, por vezes, a meta esbarra em entraves colocados pelo próprio Governo. O sociólogo e pesquisador Simon Schwartzman, membro do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, no Rio de Janeiro, observa que as entidades de fomento à pesquisa costumam estabelecer critérios que acabam priorizando determinados tipos de estudo.

“O sistema de incentivos que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) utiliza nas avaliações dificulta a vida daqueles que não têm uma publicação acadêmica. É uma visão muito moldada nas ciências naturais, que prejudica o desenvolvimento das demais. A quantidade de trabalhos publicados pode até ser grande, mas quando você mede o impacto disso percebe que o valor ainda é pequeno”, argumentou.

Schwartzman defendeu ainda que, mais que dar incentivo através do Estado, é preciso fazer com que a universidade “responda aos estímulos” sociais por si só, sem que o Governo precise, necessariamente, injetar dinheiro. “O Estado tem responsabilidades sobre o Ensino Superior e a questão não é retirá-las. Mas

as universidades devem se tornar mais autônomas, responderem aos estímulos e serem capazes de buscar recursos e se inserirem onde o mercado e a sociedade estão pedindo”.

Autonomia

Na lista de demandas que deverá chegar à Dilma, uma diz respeito justamente à autonomia universitária citada por Schwartzman. Trata-se de uma reivindicação antiga, ampla e, segundo o especialista, com poucos avanços ao longo do Governo Lula.

O principal ponto refere-se à autonomia orçamentária. Basta citar exemplos do dia a dia da UFC: em uma das disciplinas do curso de graduação em Gastronomia, por exemplo, os estudantes são levados a um frigorífico, onde aprendem sobre os cortes e as especificidades da carne de boi. A Universidade é responsável por comprar o animal e disponibilizá-lo aos alunos – por lei, é obrigada a adquiri-lo através de licitação. O problema: nenhuma empresa se dispõe a entrar na concorrência para fornecer um boi por semestre à UFC.

De acordo com o Reitor Jesualdo, “seria mais simples se a Universidade pudesse abrir seu orçamento, comprar o animal e, depois, prestar con-



Novas instalações do campus da UFC no Cariri, em Juazeiro do Norte, possibilitaram a expansão da Universidade para o Interior cearense

tas com os órgãos de controle”. Entretanto, a prática é repudiada pelo Tribunal de Contas da União.

Outra situação foi apontada pela coordenadora geral do Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Federais no Estado do Ceará (Sintufce), Lucineide Paiva. Ela reclama do fato de, em alguns campi, haver profissionais contratados antes mesmo de a estrutura física dos blocos e laboratórios ficar pronta. Falta de organização? A Administração Superior se defende.

Segundo Jesualdo, a inexistência de autonomia orçamentária dificulta o planejamento. “Do jeito como as coisas são hoje, eu não posso priorizar o que quero executar em determinado ano. Não posso tirar dinheiro que veio para custeio ou para contratação de pessoal e aplicar em investimento, em obra”, descreveu. Isso porque o Orçamento da Universidade é aprovado com valores fechados e atrelados especificamente a determinadas funções, sem permitir remanejamentos bruscos.

Questionado sobre o perigo de aumento da corrupção, no caso de uma maior abertura às universidades, o Reitor da UFC afirmou que “sem dúvidas, há risco, mas é possível haver controle rígido. Nada vai avançar se nós não alcançarmos autonomia financeira, de patrimônio e de pessoal”. A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) articula encontro com Dilma até o início de 2011, para repassar reivindicações como orçamento global (aberto, com possibilidade de gerenciamento interno) e flexibilização nas regras de licitação.

A expectativa para os próximos quatro anos é de que haja avanços, principalmente em caso de aprovação do Projeto de Lei de Reestruturação da Carreira Docente, que se encontra no Congresso. A proposta contém novidades que poderão proporcionar mais liberdade de gestão às universidades, como a contratação de mais de um professor no caso de aposentadoria de um docente.

Mais vagas, mais assistência

Superar o gargalo da Educação Básica – hoje de responsabilidade de prefeituras e governos locais – é um dos desafios de curto, médio e longo prazos do Brasil, com interferência direta no setor universitário. Como ressalta o Prof. Cláudio Marques, da UFC, a democratização e a expansão do acesso à universidade dependem, em grande parte, da qualidade das escolas. A matemática é simples: “como a qualidade da nossa educação básica é muito baixa, você tem poucos alunos chegando ao final do Ensino Médio. Não bastasse a evasão, a qualidade do aluno egresso ainda é muito questionável”. Se essa realidade não mudar, pouco adiantará aumentar o número de vagas nas universidades públicas.

Para o MEC, a entrada do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no processo seletivo das entidades surge como possível saída para remodelar o Ensino Médio e promover condições menos desiguais de concorrência entre jovens das redes pública e privada. Se o mecanismo será eficiente ou não, só as primeiras estatísticas poderão dizer.

Com a perspectiva de criação de novas vagas e a possível incorporação de mais alunos da rede pública, surge outra preocupação: o desenvolvimento de novas políticas de assistência estudantil. De acordo com dois membros do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFC, Pedro Ribeiro e Cláudia Araújo, uma série de deficiências precisa ser corrigida pelo próximo Governo. “Sem dúvida, é um momento ímpar, há uma recuperação mínima do déficit, mas não existe ainda uma rubrica específica para esse setor, isso não é ainda uma política de Estado”, argumentou Pedro (ver matéria p. 24).

Em 2010, várias manifestações e protestos estouraram em universidades Brasil afora, como nas federais de Alagoas, Mato Grosso e Rio Grande

Não se pode imaginar que o Brasil se desenvolva, tenha um povo feliz, se a prioridade das prioridades não for a Educação. (à revista Ensino Superior)



Prof. Cláudio Marques: apesar dos avanços, o governo Lula não foi capaz de garantir que o acesso do estudante à universidade particular também fosse de excelente qualidade

Não se faz educação de qualidade só com laboratório, só com prédios melhores. Só se faz de um jeito, valorizando o professor. Primeiro, formando-o bem. Segundo, pagando bem para atrair as pessoas mais capacitadas. (à TV Brasil)



Depois do Reuni, UFC passou a ofertar 22 novos cursos de graduação e mais 1.499 vagas em seu vestibular

do Sul. No centro das reivindicações, mais vagas em residências estudantis e acesso universal aos restaurantes universitários.

De acordo com o DCE, os alunos dos campi do Interior são os mais penalizados. “Existem estudantes que, depois da aula, à noite, pegam um ônibus de Juazeiro do Norte, vão para outras localidades; de lá, pegam outro transporte para chegar ao centro de outra cidade e, só depois, pegam algum ônibus para a parte periférica, às vezes na zona rural, onde moram”, relatou Pedro.

Dentre outras necessidades, o Diretório aponta o aumento do número de bolsas e a equiparação dos valores de todos os tipos de auxílio a, pelo menos, um salário mínimo – hoje, de R\$ 510,00. Entre as entidades estudantis discute-se, ainda, a criação de um programa nacional de bolsas para alunos do Ensino Médio, como forma de estimular o aprendizado e evitar a evasão.

Financiamento e controle

Para dar conta de tantas necessidades, é preciso muito mais que von-

tade política, mas também um bom volume de recursos. Conforme mostrado no início da reportagem, o Ceará deverá receber, em 2011, muito mais verbas para o Ensino Superior do que em 2010. Entretanto, ao se analisar o universo dos investimentos, percebe-se que o percentual destinado à educação ainda perde para setores como infraestrutura, transportes e recursos hídricos.

No Brasil, em 2009, os recursos em educação corresponderam a 5% do Produto Interno Bruto (PIB). Houve melhora, uma vez que, em 2005, esse valor não passava dos 3,9%. Questionado sobre por que, afinal, o Governo não aumenta ainda mais esse volume e decide investir pesado em Educação – o PNE sugere que a quantia seja o equivalente a 10% do PIB –, o deputado federal Ariosto Holanda, aliado de Dilma, justificou: “é a teoria do lençol curto. Se você puxa para um lado, descobre o outro. O Brasil tem muitas deficiências e precisa atender a todas as áreas”.

A queda da Desvinculação de Receitas da União (DRU), aprovada no ano passado, oferece boas perspectivas de financiamento para 2011,

quando o MEC contará com um incremento de 20% em seus cofres. Melhorar o gerenciamento dos recursos aplicados, entretanto, torna-se essencial, principalmente através de mecanismos de avaliação.

Especialistas afirmam que é preciso controlar melhor a qualidade dos cursos, sobretudo os particulares – que também são financiados pelo poder público como forma de aumentar a oferta aos jovens. “É preciso ter metas, objetivos claros, fechar as instituições que não atenderem a isso. No Governo Lula, isso não tem acontecido como deveria”, criticou Schwartzman.

Em linha semelhante, Cláudio Marques complementou: “nosso grande problema, hoje, não é tanto a falta de recurso, mas alguns entraves no serviço público, a burocracia. O governo não foi capaz de garantir que o acesso do estudante à universidade particular também fosse de excelente qualidade”. Dessa forma, uma medida importante seria não somente aumentar o financiamento, mas, acima de tudo, evitar o desperdício de dinheiro.

“Elas” chegaram lá

“Eu acho que represento a luta das militantes aqui presentes. Todas nós representamos milhões de mulheres que progressivamente colocarão suas faces, seu voto, a cara, o corpo, brigando por um Brasil melhor. Companheiras, agora é nossa hora e nossa vez!”. Em um dos primeiros discursos como eleita, Dilma Rousseff voltou a usar o tom que marcou parte da campanha. Ali, não falava apenas a sucessora de Lula, mas também a primeira mulher a comandar o Palácio do Planalto na história da República brasileira.

Embora maioria do eleitorado no País, as mulheres ainda são coadjuvantes na política nacional. Este ano, apenas uma foi eleita para a banca cearense no Congresso Nacional – a deputada federal Gorete Pereira (PR). O cenário, no entanto, pode estar mudando a favor delas. Dilma sinalizou querer um terço dos ministérios ocupado por mulheres. Uma das pastas mais fortes do Executivo nacional, a do Planejamento, Orçamento e Gestão, estará, a partir de 2011, nas mãos de uma mulher: Miriam Belchior.

Para além de significar mero feminismo, a decisão de inseri-las em cargos de destaque busca “promover condições de igualdade de gênero” e “reforçar a legitimidade da mulher” na política. É como analisa a coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Idade e Família (Negif) da UFC, Dolores Mota. “A política tem sido um ‘não lugar’ para a mulher, inclusive porque esse ‘mundo’, tão masculino, exige uma disponibilidade que elas nem sempre têm. Dificilmente a mulher abre mão da família, dos filhos, do lar, ambientes pelos quais, historicamente, ela costuma se dedicar mais que o homem”.

Mas nem só de flores são feitas as mudanças. A chegada “delas” ao comando do País tem gerado expectativas em dobro acerca do estilo, da firmeza e, ainda, da eficácia do “toque feminino” no poder. “Ela (Dilma) não será poupada. Quando houver qualquer deslize, certamente os opositores irão relacioná-lo à questão de gênero”, acredita.

Questionada sobre a suposta existência de perfis femininos e masculinos na política, a especialista lembrou que “a história mostra não haver grandes diferenças relacionadas ao gênero”. Na UFC, a única mulher da equipe de pró-reitores da Administração Superior, Clarisse Ferreira Gomes, confirma essa tese. “Isso varia, depende da personalidade da mulher. Talvez a mulher dê mais atenção a essa ideia de ‘cuidar’, mas também há homens com uma visão mais humana”.

O QUE ELAS PENSAM PARA O ENSINO SUPERIOR NOS PRÓXIMOS ANOS

Neile Torres, presidente do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Ceará (ADUFC). “Um grande desafio é pensar uma formação mais humanista nas universidades, desenvolver a capacidade das pessoas de resolver problemas cotidianos. Um enfoque excessivamente técnico leva a um distanciamento da realidade. Isso passa por uma política nacional”.

Lucineide Paiva, coordenadora geral do Sintufce. “Democratizar o acesso à universidade e preparar melhor a escola pública são os desafios prioritários. Além disso, precisamos recuperar um déficit de profissionais nas instituições. O Reuni provocou um avanço, mas não conseguiu cobrir a falta de servidores que já existia antes”.

Para garantir condições de competitividade global, será necessário: (...) construir o Sistema Nacional Articulado de Educação, de modo a redesenhar o pacto federativo e os mecanismos de gestão; (...) aprofundar o processo de expansão das universidades públicas e garantir a qualidade do ensino privado; dar prosseguimento ao diálogo com a comunidade científica, como fator fundamental para definir as prioridades da pesquisa no País. (Programa de Governo)



A gente não quer só comida

Universidade participa de pesquisa nacional para delinear o perfil do aluno de graduação e apontar as principais necessidades no campo da assistência estudantil

por Simone Faustino

Até julho deste ano, o campo da assistência estudantil nas universidades estava à mercê da vontade política dos governos. A situação promete mudar com o Decreto Nacional nº 7.234, que regulamentou o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), sob responsabilidade do Ministério da Educação. Ele determina as ações que devem ser desenvolvidas para democratizar as condições de permanência entre os estudantes de Ensino Superior.

A Universidade Federal do Ceará, tradicionalmente atenta às necessidades desse campo, participou, junto com todas as outras Instituições Federais de Ensino Superior, de pesquisa de abrangência nacional para identificação do perfil dos estudantes de graduação presencial. Coordenado pelo Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace), com apoio da Associação dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), o estudo potencializará o planejamento e a execução de políticas de assistência ao estudante, em níveis

local e nacional.

“Todas as mudanças que aconteceram, como alterações nas formas de ingresso, expansão para o Interior e abertura de mais vagas, vêm mudando o perfil do estudante de graduação das universidades federais. Isso demandou acréscimos nas ações de assistência estudantil”, explica a Profª Clarisse Ferreira Gomes, Pró-Reitora de Assuntos Estudantis da UFC. Além da dirigente, são responsáveis pela pesquisa na UFC Mônica Josiane, assistente social da PRAE, e o Prof. Jefferson Carvalho, do Curso de Sistemas da Informação do Campus de Quixadá.

Os aspectos acadêmicos e socioeconômicos da vida dos estudantes foram abordados em questionários disponibilizados on-line para preenchimento. A análise e tabulação dos resultados ficaram a cargo do Laboratório de Engenharia de Software da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que desenvolveu o Sistema de Informação do Perfil do Estudante – SIPE Brasil.

Foram pesquisados 417 alunos de

63 modalidades de curso. Já foram realizados na UFC levantamentos junto aos estudantes em 1988, 1997 e 2004, e tudo o que existe hoje nessa área é resultado dessas informações. “A ideia que se tinha era de que os alunos de universidades federais eram de um poder aquisitivo de médio a alto. Mas a pesquisa de 2004 mostrou que o perfil é composto de mulheres, entre 20 e 30 anos, provenientes das classes baixa e média. Agora, poderemos ver se continua o mesmo”, adianta Mônica Josiane.

Até o final de dezembro, os resultados da UFC terão sido contabilizados, embora apenas em janeiro seja conhecido o resultado final no âmbito nacional. De posse dos dados, o conceito de assistência estudantil para instituições de diferentes regiões ficará mais claro. “Cada uma



das IFES vai redefinir suas políticas com base no perfil de seus alunos. Por exemplo, se tivermos um grande número de estudantes mulheres com filhos em idade pré-escolar, que estejam tendo dificuldade em continuar seus cursos, teremos de planejar a inclusão de um auxílio-creche dentro das nossas ações”, antecipa a Pró-Reitora.

Casa, comida e autonomia

No dia 17 de novembro, ocorreu seminário de avaliação do primeiro ano do Auxílio-Moradia na UFC. Os 106 estudantes que receberam o benefício e docentes de seus respectivos cursos assistiram à apresentação da Secretaria de Desenvolvimento Institucional (SDI), que pesquisou o impacto socioeconômico e a eficácia da iniciativa. “Como a prioridade nos campi do Interior, por enquanto, é a infraestrutura principal, como salas de aula, bibliotecas e salas de estudo, concebemos o Auxílio-Moradia no valor de R\$ 300,00 para ajudar os estudantes a se instalarem nos municípios onde vão estudar”, esclarece a Profª Clarisse.

Por ser o ano inaugural da iniciativa, ainda se estuda o que é melhor para os estudantes: se a construção de uma residência ou a concessão desse auxílio, no qual eles recebem o recurso e optam onde e com quem morar. “No momento, este auxílio é o que se pode dar, mas temos feito um esforço enorme para concedê-lo a um maior número de pessoas, readequar seu valor e reorganizar o programa”, assegura o Prof. Wagner Andriola, membro da SDI.

Para a Profª Maria Salvelina Marques, dos cursos de Ciências Econômicas e Finanças e coordenadora de Assuntos Estudantis do Campus da UFC em Sobral, o programa é oportuno, embora não resolva o problema. “Em torno de 70% dos alunos do campus são de cidades vizinhas a Sobral. Isso implica que tenhamos muitas pessoas em situação de fragilidade socioeconômica e com

problemas de transporte. Dentro desse público, foi selecionada uma fatia que se encaixa no perfil para receber o benefício”.

Um exemplo é Deyser de Oliveira, estudante de Ciências Econômicas no mesmo campus. Natural de Granja, no primeiro ano de faculdade a estudante ia e voltava diariamente de Sobral para sua cidade. Após o trabalho, pegava o ônibus às 16h e só retornava da Universidade após a meia noite. “Era muito desgastante, e ficou mais ainda quando o curso se mudou para o Centro da cidade, longe da rota do meu transporte. Eu e meus pais decidimos, então, que o melhor seria a mudança para Sobral”. A situação financeira foi amenizada quando passou a receber o Auxílio-Moradia e conseguiu bolsa de projetos, extinguindo o recebimento de ajuda dos pais. “Acho que a UFC está no caminho certo. Se não tem como ter restaurante universitário ou residência no Interior, ela tem buscado formas de suprir essa carência”, analisa.

Nascida em Mauriti, Maíra Nóbrega inscreveu-se no Vestibular para Filosofia sabendo que teria de passar por alguns percalços para se manter. Filha de mãe costureira e pai mototaxista, instalou-se inicialmente na cidade vizinha, Crato, para poder estudar no Campus da UFC no Cariri, localizado em Juazeiro do Norte. “Recebia dos meus pais o dinheiro contado para sair de casa, ir para a Universidade, lanchar uma vez e voltar. Às vezes, não dava nem para o lanche”. Ela admite que, sem o Auxílio-Moradia e a bolsa de extensão que recebe desde o início do ano, provavelmente estaria muito desestimulada e até pensando em desistir da graduação.

Já para o estudante Fran-



Sem o Auxílio-Moradia, seria mais difícil para os estudantes Deyser de Oliveira, Francisco Gleyson e Maíra Nóbrega cursar a graduação no Interior

cisco Gleyson, que cursa Sistemas de Informação no Campus de Quixadá, o benefício possibilitou a independência financeira. Filho de agricultores e vindo de Madalena, de um distrito conhecido como “Lonjão”, ele morava na casa do tio para poder estudar na UFC. Uma bolsa do Programa de Educação Tutorial (PET), somada ao auxílio, permitiu que ele pudesse morar sozinho e custear aluguel, alimentação, água, luz, livros, xerox e outras necessidades. “Com essa ajuda, fico despreocupado e posso me dedicar integralmente aos estudos. Já estou na Iniciação Científica e até participei dos Encontros Universitários. Pretendo terminar





A Profª Clarisse Ferreira Gomes e a assistente social Mônica Josiane estão à frente da pesquisa que auxiliará a definir as ações destinadas aos estudantes

meu curso, fazer uma pós-graduação e virar professor”.

Além de um teto, os estudantes precisam de subsídios para uma alimentação de preço acessível e boa qualidade nutricional. A estimativa é de que o Restaurante Universitário da UFC atinja, em 2011, a capacidade diária de 5 mil refeições. Em restaurante instalado no Campus do Pici e refeitório localizado no Campus do Benfica, desde 1997 os preços são de R\$ 1,10 para alunos, R\$ 1,60 para funcionários e R\$ 2,20 para professores e visitantes.

Tânia Lacerda Maia, Coordenadora do Restaurante Universitário, assegura que as obras do refeitório do Porangabuçu estão em pleno andamento, com previsão de abertura para o segundo semestre de 2011. Os avanços mais recentes foram a inclusão de opções vegetarianas no cardápio; a disponibilização diária de duas opções de carne; jantar para alunos dos cursos noturnos; e a grande novidade de 2010, o almoço nas férias. A partir de dezembro, os alunos terão acesso às refeições após efetuar cadastro nos próprios RUs.

O RU beneficia também os estudantes do Programa de Residências Universitárias, oferecendo a eles refeições gratuitas no café da manhã, almoço e jantar. “Os programas de

assistência alimentar fazem parte do processo de democratização das universidades, que não pode ser efetivado apenas com o acesso à educação superior gratuita. A oferta desses meios ajuda os alunos com dificuldades de prosseguir na conclusão de sua formação acadêmica e reduzem os efeitos das desigualdades sociais”, diz Tânia.

Os residentes universitários possuem uma instância que dialoga com a PRAE e a Administração Superior, o Conselho de Residentes Universitários da UFC. A estudante de Geografia Shirlene Castro, de Pentecoste, é diretora de assuntos estudantis do órgão. Uma das discussões mais pertinentes no momento é a reorganização das políticas de assistência estudantil, após a adesão da UFC ao Exame Nacional do Ensino Médio. “Com o ENEM e a possível mobilidade que ele vai permitir, as ações vão ter que ser todas repensadas, e de forma rápida. Infelizmente, algumas soluções são muito demoradas”, acredita.

Clarisse Ferreira Gomes garante que a UFC está atenta às mudanças que o novo ENEM poderá acarretar,

mas diminui o tom alarmista. “Sabemos que, em algumas universidades que já aderiram ao ENEM, o impacto na assistência estudantil não foi tão grande, pelo menos nesse primeiro ano. Mas só poderemos avaliar concretamente após essa primeira edição que a UFC participar”, adianta. Shirlene também lista as principais demandas dos residentes, como reformas estruturais (três moradias já foram atendidas), mais segurança e antecedência no envio do auxílio financeiro que permite comprar suprimentos para os finais de semana, quando o RU não funciona. Shirlene cita como fonte de inspiração a Universidade Federal do Rio Grande do Norte: “Lá já tem residência até para a Pós-Graduação. Mas essa é uma proposta de luta do movimento estudantil para os próximos anos”.

Ações de permanência

Bolsa de Iniciação Acadêmica: Antes conhecida como bolsa de trabalho ou bolsa de assistência, agora trata-se de uma bolsa onde os estudantes cumprem carga horária com atividades em caráter de inserção no universo profissional e acadêmico. Em 2011, serão 750 bolsas.

Moradia Estudantil: Em Fortaleza, são 16 residências da UFC, que abrigam 310 estudantes. Está em construção uma unidade no Campus do Pici, com previsão de ficar pronto em agosto de 2011. Para os estudantes dos campi do Interior, foi implantado o Auxílio-Moradia.

Restaurante Universitário: Conta com um restaurante no Pici e um refeitório no Benfica. Está em construção o refeitório do Campus do Porangabuçu, que deve funcionar em agosto de 2011. Nos campi do Interior, formula-se uma política de convênios com empresas para viabilizar o fornecimento de refeições. 13

Memória que não nos deixa

A contribuição da obra centenária de Rachel de Queiroz é reverenciada através de exposição promovida pelo Sistema de Bibliotecas da UFC

por Simone Faustino

Ela está presente no imaginário cearense, imortalizada em bronze na Praça General Tibúrcio (dos Leões), no centro de Fortaleza, e nos livros, móveis e fotografias da fazenda “Não Me Deixes”, no município de Quixadá. O ano de 2010, além de marcar o centenário de nascimento de Rachel de Queiroz (que nasceu em 17 de novembro de 1910), traz à tona a marca dos 80 anos de sua obra “O Quinze”.

Neste ano de reverências, o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará promoveu, de 22 de novembro a 17 de dezembro, a exposição “Rachel de Queiroz: múltiplos olhares”, aberta à visitação no hall da Biblioteca de Ciências Humanas, no Campus do Benfica. A mostra resgatou, através de relatos, fotografias e de trechos das próprias obras, a trajetória múltipla da escritora cearense, que transitou pelo romance, o conto, a poesia, a crônica, a tradução e o jornalismo.

De acordo com a Profª Fernanda Abreu Coutinho, do Departamento de Literatura da UFC, o maior legado de Rachel de Queiroz foi a multiplicidade de formas para contar histórias. “Isso com excelente apuro de linguagem, temáticas atrativas para o leitor (que delas logo fica cativo), sem falar nas marcas de brasilidade inscritas em sua literatura. Além disso, cresceu ao

patrimônio de textos em língua portuguesa cerca de 100 títulos que traduziu de diversos idiomas, como o russo e o inglês”, enumera a pesquisadora.

Como é próprio dos pioneiros, Rachel preparou o terreno para tendências estilísticas. Quando publicou, aos 19 anos, o livro “O Quinze”, teve seu romance tido como obra de um autor masculino, pela segurança na escrita e ousadia de temáticas. Poucos escritores cearenses gravaram seu talento com tamanha permanência na cultura cearense. “O Ceará, tanto em linguagem informativa quanto em linguagem simbólica, está desenhado em tudo que ela escreveu, de forma a desafiar os leitores”, salienta a Profª Odalice de Castro e Silva, também do Departamento de Literatura.

No contexto do centenário, a necessidade de apresentar Rachel às novas gerações e incentivar sua leitura por crianças e jovens em idade escolar torna-se mais que um compromisso. “Ensinar a ler Rachel de Queiroz é uma tarefa para todos nós que conhecemos a força de sua linguagem, de seus personagens e dos temas com que recria o Nordeste e o mundo. Para que isso aconteça, seus livros devem se tornar fonte de conhecimento e de fruição, integrados às atividades do dia-a-dia”, recomenda a Profª Odalice.

Além da UFC, outras insti-

tuições, como as academias cearense e brasileira de Letras, a Fundação Demócrito Rocha e o Instituto do Ceará, promoveram, nas últimas semanas, tributos a Rachel de Queiroz, que faleceu em 4 de novembro de 2003. Dentre as atividades realizadas, encontros, debates, colóquios, lançamentos de livros e concessão de prêmios a escritores e personalidades da área da cultura, numa prova de que a força da primeira escritora brasileira a se tornar imortal continua intacta. Permanece também, conservada, a casa grande de sua fazenda, transformada, em 1996, em Reserva Particular do Patrimônio Natural. Nesse lugar de reminiscência, onde tudo é saudade, sua memória descansa. 14



OS TELEGRAMAS DO “PADIM”

Núcleo de Documentação Cultural da UFC (Nudoc) recebe doação de 12 volumes de telegramas enviados e recebidos por um dos mais expressivos – e polêmicos – nomes da cultura cearense: padre Cícero Romão Batista

por Cristiane Pimentel

Aqueles eram tempos difíceis para dona Engracinha. Consagrada ao tilar dos sinos do bom agouro, desde seu primeiro fitar no cinza-pálido brilhante da pia batismal, carregava um nome anunciativo das benesses divinas. No entanto, ultimamente, parecia que o estratagema sacramental não surtia efeitos: o filho, Julinho, sucumbia à doença; o marido, Oscar, era perseguido e sofria ameaças; nela, sentenciando a má sorte, punham-lhe os males do corpo. Como forma de conclamar o sagrado por uma melhor sina, escreve mais um telegrama com más notícias: “Oscar escapou ser assassinado. Rogue por elle. Afflicta. Engracinha”. A mensagem, redigida em 1914, segue de Glicério, São Paulo, a “Joazeiro”, Ceará e tem como destinatário um dos homens mais influentes do Nordeste, padre Cícero Romão Batista.

Engracinha e mais outros nomes, ilustres ou anônimos, integram a galeria de personagens de um acervo composto por 12 volumes encadernados que foram doados, no dia 12

de novembro, ao Núcleo de Documentação Cultural (Nudoc), do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Ao todo são 3.396 páginas que relatam a comunicação telegráfica de padre Cícero, no período de 1911 a 1934. O material, importante peça histórica na pesquisa sobre a vida do pároco, foi doado pelo professor aposentado da UFC e estudioso da região do Cariri, Renato Casimiro. Os documentos juntam-se, agora, a outros três livros já pertencentes ao Nudoc, fechando a coleção de 15 cadernos e cerca de 10 mil telegramas.

Figura central de inúmeros livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado, padre Cícero, mesmo após quase 80 anos de sua morte, continua despertando o interesse de estudiosos, seja sob o enfoque religioso ou político. Daí a importância dos cadernos recebidos pelo Nudoc, que se constituem como rica fundamentação para novas pesquisas e abordagens. “O interessante é que esses documentos não foram

ainda pesquisados de uma maneira sistemática, são praticamente inéditos. São telegramas do padre Cícero, mas o pesquisador pode encontrar aí grande variedade de temas. Sem dúvida, é uma das doações mais importantes que já recebemos. A Universidade vai guardar um patrimônio importantíssimo que, com certeza, vai gerar dissertações e teses, diante da riqueza que esse material apresenta”, comenta o diretor do Nudoc, Prof. Régis Lopes.

A doação do Prof. Casimiro reúne volumes que foram separados há meio século. Embora se soubesse da existência de 15 cadernos, até então, o Nudoc era guardião de apenas três deles, que integravam o acervo do pesquisador Francisco Sousa Nascimento e que foram doados ao ex-Reitor da UFC Paulo Elpidio de Menezes Neto. Este, ciente da relevância científica da doação, repassou-a ao Nudoc.

Os demais 12 volumes estiveram, até a década de 1990, sob os cuidados de Generosa Ferreira Alencar, uma das afilhadas do padre e que havia mantido em sua casa alguns pertences por ela herdados com a morte do religioso, ocorrida em julho de 1934, aos 90 anos. Com o falecimento de Generosa, os cadernos foram colocados à venda e então comprados por

Casimiro. De acordo com o pesquisador, a decisão de reunificar a coleção original se deu após a leitura do livro póstumo “Histórias de um repórter” (1999), do jornalista cearense Edmar Morel. Na obra, Morel relata ter tido contato, nos anos 1940, com 15 volumes de telegramas do padre Cícero. “Quando bem recentemente, lendo o livro de Edmar Morel, identifiquei em um texto que ele tinha passado por Juazeiro e lá havia encontrado 15 livros. Então vi que havia fechado o ciclo e decidi que se no Nudoc já havia três, e eu 12... Muita coisa importante da história desse País não está realmente nos museus, mas nos acervos particulares. O que eu pretendo com isso é realmente dar um passo nesse sentido”, afirma.

“O meu Padim era um santo e merecia muito mais”

Essa teria sido a afirmação de Pelúcio Correia Macedo, telegrafista do único posto existente em Juazeiro do Norte, no início do século XX, quando da descoberta de uma atitude suspeita que ele vinha praticando em seu ofício: Pelúcio fizera transcrições, em grandes cadernos de capa dura, de mensagens que passavam pela estação. As cópias, de correspondências tanto ativas quanto passivas, eram encaminhadas, ao final do dia, ao amigo pessoal padre Cícero. As conversas abrangiam os mais diversos assuntos, que iam da arquitetura de conchavos políticos a relatos sobre o clima apropriado para plantação. Revelavam, assim, o contexto social vigente não somente na então “Joazeiro”, como no Ceará.

Mas a que interessariam as cópias dos telegramas da cidade? Para Pelúcio, em princípio, a estima do “Padrinho”. Imerso em uma realidade de catolicismo popular que se manifestava de forma febril, não é difícil crer que o funcionário visasse à bênção que lhe facilitasse o regozijo entre os anjos, quando para o outro lado fosse. Todavia, era capaz que, ao atender a um suposto pedido de um dos homens mais poderosos

do Estado, objetivasse aspectos mais mundanos, como a manutenção do emprego. Anos depois, porém, Franco Rabelo – presidente do Ceará de 1912 a 1914, e que tinha padre Cícero como um de seus adversários políticos – percebeu a relevância do ofício de Pelúcio e retirou-lhe o trabalho, a fim de controlar a correspondência do religioso.

Já para o “Santo de Juazeiro”, embora ainda questão incerta pelos pesquisadores do tema quanto à real motivação, a solicitação de cópia possuía caracteres mais complexos. Poderiam tanto reforçar-lhe a divinal alcunha, ao transparecer apenas um homem preocupado com sua imagem no futuro, quanto derrubar sua reputação por completo, confirmando a tese de embusteiro que se utilizava de informações privilegiadas para “prever” acontecimentos.

De acordo com o jornalista Edmar Morel, as cópias são provas cabais de que o padre era um farsante. O repórter, que teve contato com os calhamachos de telegramas, vê neles um engenhoso truque para que o religioso dominasse o que se passava na cidade. “Encontrei no arquivo 15 livros, com centenas de folhas, com cópias de todos os telegramas que passavam pela estação tronco de Juazeiro. O telegrafista Pelúcio quebrava o sigilo da correspondência e entregava as cópias ao pároco, que ficava sabendo de tudo. Assim, sem dificuldades, foi desmascarado o adivinhão”.

Discordante da opinião de Morel, o historiador Régis Lopes credita à preocupação do padre acerca dos registros de sua história de vida a recomendação para que fossem feitas as transcrições. “O padre Cícero, a partir do final do século XIX até o fim da vida dele, foi perseguido pela Igreja. Então, com isso, ele resolveu fazer um arquivo pessoal de toda a história dele. Na verdade, não vejo nada de criminoso na cópia desses telegramas. Vejo ali uma pessoa perseguida, um padre com suspensões de ordens e muito preocupado com a sua memória. Então, a minha interpretação é algo oposto ao Edmar Morel, que acredito que não teve má-fé,

mas pouca fé”, comenta.

Hesitante face à interpretação da atitude de Pelúcio e do padre, Casimiro diz acreditar que os manuscritos estão relacionados a uma forma encontrada pelo sacerdote de manter seguras as suas informações. Exemplifica o



pesquisador que, assim como salvamos atualmente no computador os nossos e-mails, Cícero manteve o arquivo físico de suas correspondências. Contudo, Casimiro não descarta completamente a teoria de Morel. “Acho que era um esquema de segurança. Vamos supor o seguinte: como é nossa comunicação hoje? É pela internet; tudo a gente salva no computador. Naturalmente, em cada época, havia essa necessidade de você guardar. Tudo é documento. Penso que ele achou uma maneira mais prática de centralizar, porque se não fosse desse jeito, como é que seria? Antigamente, quando se fazia um telegrama, você ia à agência, pegava uma fórmula, escrevia, dava para a pessoa e você não ficava com cópia, a cópia ficava arquivada na estação. Então acho que ele sentia a necessidade de ter isso. Para mim foi algo nesse sentido, mas isso é a forma mais ingênua de se pensar, pois o que se vê é que não eram feitas somente cópias dos telegramas de padre Cícero, mas também de terceiros”, destaca.

De mezinhas a acordos políticos

Basta uma rápida olhada nos telegramas de Padre Cícero para se ver várias nuances da sociedade caririense do início do século passado. Nos primeiros registros surgem notas sobre a emancipação do município de Juazeiro, em 1911. Nesse momento, padre Cícero, já sob severas punições clericais devido ao suposto milagre da hóstia transformada em sangue na boca da beata Maria de Araújo, havia mudado seu campo de ação, indo de pobre sacerdote a senhor de terras, influente personalidade aliada das classes dominantes, o chamado “coronel de batina”. Ainda nesse período há trocas de mensagens abordando assuntos comerciais, relativas à produção da borracha da maniçoba e algodão, dentre outros produtos agrícolas.

Logo após, nos anos de 1912 e 1913, ampla conversação telegráfica sobre a agitação política em que vivia o Ceará. Era o fim do período da oligarquia de Nogueira Accioly, que tinha o padre como um de seus aliados, e a posse do “salvacionista” Franco Rabelo, após uma revolta popular ocorrida na cidade de Fortaleza. A Sedição de Juazeiro, combate realizado na região do Cariri que culminou na renúncia de Franco Rabelo, também é retratada através de seus planos e estratégias. Um dos nomes mais comuns nas comunicações telegráficas é o de Floro Bartolomeu, figura controversa, homem de alta confiança do clérigo e um dos

articuladores, juntamente com o Governo Federal de Hermes da Fonseca, do movimento sedicioso.

Apesar das dimensões do conflito e de seu impacto sobre a organização política no Estado, é no momento pós-Sedição que a troca de telegramas se mostra mais intensa. Com a derrota e a renúncia de Franco Rabelo, obtidas através da mobilização política de Floro Bartolomeu e na arregimentação de sertanejos para a luta de padre Cícero, os aliados se consolidam como grande influência em todo o Nordeste. “É quando vem a maior parte de mensagens porque o Padre se torna uma liderança política importante e começa a fazer alianças, a eleger gente. O Cariri se tornou um distrito político relevante e o resultado disso é que havia correspondência do padre Cícero com o Presidente da República como se fosse entre vizinhos. Esse período é muito rico de documentos por causa dessas relações políticas. Aparece Lampião, aparece a Coluna Prestes. Só com a crise política com o Estado Novo, quando o padre já estava meio velho, é que diminuem os telegramas”, explica Renato Casimiro.

Os telegramas guardados no Nudoc ainda abordam assuntos curiosos, como pedidos de receitas de medicamentos, trocas de favores entre o padre Cícero e autoridades, como pedidos de empregos para seus afilhados, e conflitos em geral, que vão desde brigas envolvendo questões agrárias a discussões de casamento. “Tem cada coisa engraçada... Tem uma mulher, meio desesperada, pedindo que o padre faça alguma coisa para o marido dela voltar para casa e que retorne a cumprir suas obrigações de marido. Outro escreve para ele dizendo ‘Meu padrinho, eu tenho duas éguas, de tal aspecto, o senhor não quer me comprar, não?’. Mais um perguntando se ele achava se iria chover ou não. O mais comum des-

ses telegramas são as pessoas se dirigindo a ele pedindo qualquer coisa. Por exemplo, a pessoa está com dor nas costas e ‘Meu padrinho, o senhor me mande uma mezinha. O que eu posso fazer pra ficar bom das minhas costas?’”, detalha o pesquisador.

Dentre tantos temas e conversações, um assunto de destaque na vida do sacerdote não tem sequer uma palavra destinada ao suposto milagre das hóstias sagradas oferecidas por padre Cícero. Suspenso de ordens, repreendido pela Igreja sob a acusação de indisciplina – por supostamente apregoar sobre um “milagre” ainda não comprovado pela Igreja e de não tê-lo comunicado às autoridades eclesiais (o bispo Dom Joaquim, em Fortaleza, ficou sabendo do ocorrido através de artigos de jornais e de carta do pároco do Crato) –, o religioso caririense tinha determinações para silenciar sobre o assunto. “O chamado milagre era algo que não se falava, era proibido se tocar nisso. Por exemplo, minha avó não falava, minha mãe não falava, eu não ouvia e o padre era proibido de dizer. Também os documentos já são 22 anos depois do acontecido e isso já havia dado certa arrefecida. Havia a questão política, o Padre já estava querendo a emancipação da cidade, desiludido que estava de que poderia voltar a celebrar missa”, esclarece Casimiro.

O Nudoc, como aquele que se bem-arruma para celebrar a visita de um parente esperado há um longo tempo, promoveu a cerimônia oficial de entrega dos telegramas, no dia 12 de novembro, com as presenças do padre Antônio Gomes de Araújo, diretor do Departamento Histórico Diocesano, da diocese do Crato; do padre Roser-



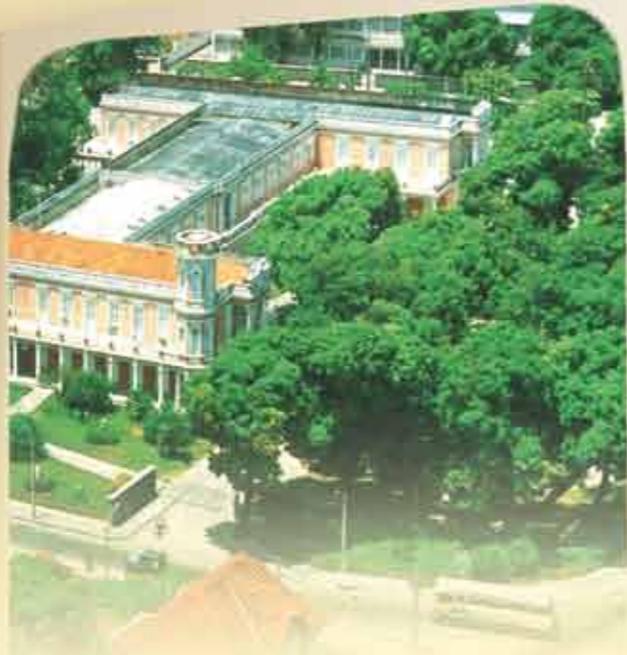
lândio Souza; e da pesquisadora da vida da beata Maria de Araújo, Maria do Carmo Forti. No encontro, foram discutidos os acervos escritos relativos ao padre Cícero e o diretor do Nudoc, Prof. Régis Lopes, fez ainda o lançamento da campanha “Publique a sua história”, que pretende motivar a doação de documentos de interesse público que estão, atualmente, em acervos particulares. ☺

Conchavos políticos, relatos sobre o clima apropriado para plantação e o contexto social da então “Joazeiro” são alguns temas encontrados nos telegramas



História para além dos livros

Projeto de extensão da UFC visa implantar biblioteca composta por acervo material e imaterial sobre dois dos mais tradicionais bairros da Capital: o Benfica e a Gentilândia



- “Você lembra quando os *Brasilian Bites* estiveram no PV?”
- “Rapaz... agora você me fez lembrar... foi numa tarde de sábado... lotado!”
- “Pois é, pra ver como mudou: a entrada pro show eram tampinhas de refrigerantes...”
- “Me lembro disso... Ah, naquele tempo se tinha adolescência...”

Mergulhado em saudosismo, esse diálogo sobre a apresentação musical de um grupo “cover” dos *The Beatles*, ocorrida nos anos 1960, no Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza, foi travado entre o corretor de imóveis Cristiano Santos e o fotógrafo Francisco Menezes. Essa e outras histórias compõem a galeria de curiosas memórias (daquelas que ficam entalhadas na mente e são mote de serenas conversas entre senhoras na calçada a vivazes bate-papos entre amigos em um bar) de duas das mais tradicionais regiões de Fortaleza: os bairros Gentilândia e Benfica. Reunir esse rico acervo imaterial, além de material bibliográfico, é o objetivo do projeto “Biblioteca Comunitária do Benfica e Gentilândia”, coordenado pelo Prof. Tadeu Feitosa, do curso de Biblioteconomia da UFC.

A ideia do projeto surgiu durante

uma pesquisa realizada há mais de 20 anos, quando o professor detectou uma grande demanda por bibliotecas para os residentes daquelas localidades. “Em 1988, quando ainda era aluno da Biblioteconomia, descobri que a biblioteca do Centro de Humanidades tinha uma demanda altíssima de moradores da comunidade da Gentilândia e do Benfica. Eram donas de casa, profissionais liberais. Então, elaborei o projeto de construção dessa Biblioteca Comunitária. As pessoas gostaram muito, mas ficou naquele oba-oba e a coisa caiu no esquecimento. Agora, 22 anos depois, resolvi retomar o projeto”, explica.

Implementada em 2008, a iniciativa visa disponibilizar um espaço democrático de leitura e pesquisa onde a população possa ali ver retratada suas peculiaridades. “A gente quer que o projeto tenha o sotaque e a dicção dos bairros. Via de regra, os moradores mais antigos se decepcionam com os livros de História sobre o bairro, porque é o olhar do pesquisador, não o deles. Eles gostariam de acrescentar um pon-

to. Então o nosso objetivo principal é dotar a Biblioteca dessa memória oral dos moradores mais antigos, como também da imagética, através dos álbuns de família”, afirma Tadeu.

Segundo o professor, o passo inicial na concretização desse projeto foi a realização de um mapeamento cultural da região. Em 2009, trabalhou-se na construção de uma agenda de contatos, para realização de entrevistas com os moradores. A partir de então, a equipe do projeto, composta por uma bolsista de Biblioteconomia e cerca de 30 voluntários – alunos de Publicidade, Jornalismo, Letras, História e Estilismo e Moda – saíram

em busca de bons parceiros e narrativas. “Fomos conhecer os bares do Benfica, os intelectuais, as donas de casa mais antigas, os feirantes, o pessoal de rua. Eles começam com aquele discurso preferencial de que o bairro se confunde com a história de Fortaleza e da Universidade, mas imediatamente abandonam essa visão e falam do bairro, que é o que o projeto quer”.

De um início envolto em desconfianças e resistências, hoje a equipe conta com a adesão da comunidade, alicerçada através de parcerias com pastorais da Igreja dos Remédios, donos de bares, feirantes, dentre outros representantes de pontos de convivência. Atualmente o projeto dispõe de 72 colaboradores.

A Biblioteca, que atualmente funciona na área 2 do Centro de Humanidades, será repassada definitivamente à comunidade em 2012. Até lá, o projeto realizará duas atividades: oficinas com os moradores – que iniciam em fevereiro –, para que conheçam metodologias relativas à implantação e manutenção da biblioteca comunitária, e montagem do acervo “cinevideográfico”, dotado de entrevistas, filmagens e fotografias realizadas com os habitantes. “Vamos mesclar a história de cada morador a de outros e tudo isso vai ser filmado, gravado e transcrito, numa espécie de portfólio impresso da fala deitada na escrita. Na verdade, a gente quer que essa Biblioteca seja um espaço de convivência. Não se trata de erguer um templo de saudosismo do livro. Queremos que a biblioteca tenha livros, revistas, gibis, filmes, cordéis, fotografias, Internet, enfim, tudo para ser um espaço interativo”, detalha Tadeu.

Memórias e transformações

Fruto da união siamesa entre Benfica e Gentilândia, o espaço que hoje se configura como palco cultural da cidade e recanto da boemia fortalezense tem um passado marcado pelo tradicionalismo. “Ali era como se todo mundo fosse da mesma famí-

lia. Gente de outro bairro não podia namorar as meninas da Gentilândia porque a turma não deixava”, recorda o comerciante Cláudio Firmo, um dos colaboradores do Projeto. Mesmo não sendo mais morador do local, Cláudio diz não ter perdido os vínculos com o lugar onde cresceu. “Nasci lá em 1950 e saí só para casar. Todo domingo, se quiser me prender, tem que ser na Gentilândia, pois tem uma hora que fico lá perto da pracinha, tomando uma cervejinha com os amigos”.

Um dos mais entusiasmados participantes da iniciativa, Cláudio resgata, em sua narrativa, personagens e momentos de uma Gentilândia bem mais ingênua. “A Gentilândia tem histórias bem curiosas, como a do Seu Leão, o alfaiate, que dizia ter sido caçador no Amazonas quando, de repente, veio uma onça. Então, ele pisou no rabo dela – porque ele dizia que era muito valente –, a onça fugiu e o couro ficou. De noite, uma chuva danada, ele abriu a porta e era a onça dizendo ‘Seu Leão, me devolva o couro que eu tô morrendo de frio!’”, afirma.

Outro colaborador do Projeto é o corretor de imóveis Cristiano Santos, que revela uma face risonha ao voltar aos tempos de adolescência no bairro. “Tinha ali, no Centro Estudantil Universitário (CEU), as tertúlias e só entravam universitários. Mas muitos não tinham acesso, pois não faziam faculdade. Aí aqueles amigos que eram universitários entravam e depois davam a carteira pra gente entrar”.

Mesmo avaliando ter havido mais transformações negativas do que positivas na área, como o acréscimo da violência e a perda do caráter residencial, ele afirma ainda considerar a região uma das melhores para se viver. “Apesar de ter morado anos fora, as minhas raízes estão aqui. Quando morava no Rio de Janeiro, um amigo organizava umas excursões para a Argentina. Sempre

dava meu nome para participar, mas quando chegava próximo, não tinha quem não me fizesse vir pra cá. Passei 20 anos fora, mas com o pensamento de voltar”, afirma o corretor, para quem a nova biblioteca também terá papel fundamental na divulgação sobre a história dos bairros para os jovens moradores. 

“LER PARA CRER” RECEBE PREMIAÇÃO

Outro projeto do curso de Biblioteconomia, o “Ler para Crer: metodologias para a implantação de bibliotecas comunitárias em municípios cearenses”, recebeu o Prêmio Viva Leitura 2010, na categoria “Instituições, ONGs e universidades”. A honraria, a mais relevante no País para iniciativas de incentivo à leitura, é coordenada pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), com patrocínio da Fundação Santillana, da Espanha. Desde o ano de sua criação, em 2008, o “Ler para Crer” recebe premiações. Há dois anos, foi o único do Ceará distinguido pelo Programa de Extensão Universitária (ProExt), dos ministérios da Educação e da Cultura, que contemplou 96 iniciativas em todo o País. De acordo com a Prof^a Lídia Eugênia, o projeto beneficia três municípios cearenses: Itaitinga, Redenção e Aquiraz, onde foram inauguradas nove bibliotecas pela comunidade.

Pioneirismo pela vida

Serviço de Transplante de Fígado do Hospital Universitário transforma a UFC no primeiro centro do Norte/Nordeste a conquistar a marca de 500 cirurgias dessa natureza

por Simone Faustino

A humanidade já se defrontou muitas vezes com metas que pareciam impossíveis e, em algum momento da História, alguém provou o contrário. Assim foi com os automóveis, os aviões e a televisão. Há cerca de dez anos, Fortaleza era uma cidade cujos equipamentos de saúde não eram considerados qualificados para realizar procedimentos altamente complexos, como os transplantes de órgãos. Em 2002, quem quebrou a regra foi justamente uma equipe formada na Universidade Federal do Ceará, mais especificamente no Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC).

Esse mesmo grupo comemora, orgulhosamente, o quingentésimo transplante de fígado realizado no HUWC. Isso mesmo, 500 pessoas com insuficiência hepática grave tiveram a oportunidade de recomeçar a vida com um órgão saudável. Sob a coordenação do Prof. José Huygens Parente Garcia, o Serviço de Transplante de Fígado do HUWC tornou-se, no dia 19 de novembro, o primeiro centro do Norte/Nordeste brasileiro a atingir a marca de 500 cirurgias dessa natureza. Após mais uma madrugada de trabalho e corrida contra o tempo, uma paciente oriunda do estado do Amazonas recebeu o órgão de um doador do município de Sobral.

De acordo com o coordenador, a conquista faz do Serviço o terceiro maior centro dessa especialidade no País, atrás apenas do Hospital Albert Einstein (SP) e do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

Ele lembra das dificuldades iniciais, quando a equipe, ainda sob coordenação do Prof. Odorico de Moraes, começou a desenvolver cirurgias experimentais em suínos. Foi preciso tempo e experiência em conceituados centros de transplantes Brasil e mundo afora para que a equipe conquistasse o credenciamento junto ao Ministério da Saúde.

“Naquele primeiro ano fizemos apenas oito transplantes. Foi evoluindo de tal forma que, em 2009, realizamos 82. Neste ano, já fizemos 85 e chegamos à marca de 500 cirurgias. Para se ter uma ideia, em Pernambuco começaram a fazer transplante de fígado em 1998, e apenas recentemente eles completaram 400”, resalta Huygens Garcia. Outro motivo de satisfação é o índice de sobrevivência de 87% nos pacientes que se submeteram ao procedimento no ano passado, resultado que se assemelha ao de grandes centros internacionais.

A equipe do HUWC é multidisciplinar, composta por oito cirurgiões, quatro hepatologistas clínicos, infectologista, intensivista (médico que acompanha os pacientes em estado crítico), enfermeiros, nutricionista, psicólogo, assistente social e técnicos em enfermagem.

Muitas mudanças ocorreram nesses oito anos de atividade, mas a mais significativa dela diz respeito à organização da fila de espera por um fígado. Até 2006, era composta a

partir de critério cronológico (quem chegasse primeiro tinha prioridade). Daquele ano em diante, foi implementada como critério a escala MELD (sigla em inglês cujo significado é Modelo para Doença Hepática Terminal). Exames laboratoriais são usados em uma fórmula, gerando resultado que varia de 6 a 40. Quanto maior o número na escala, maior a gravidade da doença. Atualmente, o ranking é estabelecido por tipo sanguíneo e escore MELD.

Passo a passo

A causa mais comum para a insuficiência hepática que culmina em transplante é a cirrose, na qual o tecido do fígado torna-se fibroso, atrapalhando a circulação sanguínea e as atividades normais do órgão. Alguns dos sintomas que acompanham a doença são ascite (acúmulo de água na barriga), hemorragias, vômitos com sangue, encefalopatia (sensação de desorientação, inversão do sono, dificuldade de reconhecer lugares e pessoas) e hálito amoniacal (com odor forte).

“Quando o paciente chega, fazem-se exames simples, para levantar sua história clínica, como exames de sangue, da função hepática e renal, eletrocardiograma, raio-X do tórax, ecocardiograma, dentre outros. Também é feita a sorologia para hepatite B e C, Aids e outras doenças”, enumera Huygens.

A cirurgia dura, em média, seis horas e, quanto menor o tempo entre a retirada do órgão doado e o implante no receptor, melhor o resultado. Quando é diagnosticada a morte encefálica e a família autoriza a doação, a Central de Transplantes do Estado do Ceará observa o ranking do respectivo tipo sanguíneo e decide o receptor para cada órgão (coração, fígado, rins, córneas e pâncreas).

Se o fígado do doador estiver com um aspecto normal, o primeiro passo da equipe do Serviço de Transplante do HUWC é realizar a retirada do órgão e fazer a perfusão, que manterá o fígado preservado em uma solução gelada. Na verdade, a cirurgia já “começa” antes do órgão chegar. Enquanto ele é retirado e são feitas as primeiras intervenções cirúrgicas para deixá-lo pronto para o transplante, o paciente já adentra a sala de cirurgia para ser preparado e anestesiado, com o objetivo de otimizar o processo. “Quando o novo órgão é reimplantado, são feitas as anastomoses dos vasos e acaba a isquemia fria. O fígado que estava claro começa a receber sangue e vai ficando vermelho. É uma etapa belíssima”, descreve o médico.



Equipe multidisciplinar do Serviço de Transplantes de Fígado do HUWC, comandada pelo médico José Huygens Garcia (sentado, no centro), inclui cirurgiões, hepatologistas clínicos, infectologista, enfermeiros, nutricionista, psicólogo e assistente social

Ele salienta que a equipe vive de sobreaviso 24 horas por dia, 365 dias por ano e que nunca recusou um órgão por falta de pessoal ou por estar fora do horário. “Não tem isso de ser fim de semana ou feriado, pois temos 190 pacientes na fila de espera. Mesmo tendo feito 85 transplantes, neste ano 32 pacientes morreram enquanto aguardavam por um órgão”.

Os companheiros de cirurgia e ambulatório compartilham dos mesmos sentimentos. Para Paulo Everton Garcia, cirurgião-geral da equipe, a expectativa é que seja possível, em 2011, ultrapassar os 100 transplantes anuais, já que o número de pessoas na fila é sempre maior que o número de doadores. “Nossa expectativa é que encontremos investimentos da Universidade e apoio da sociedade, para crescer ainda

mais. O trabalho na área de transplante de fígado me trouxe conhecimentos muito valiosos como cirurgião e teórico”, reconhece.

Já o gastroenterologista e hepatologista Tarcísio Rocha, que participa na avaliação clínica antes e depois do transplante, diz que a melhor parte do trabalho é assistir ao progresso dos pacientes. “Nosso maior motivo de orgulho é participar de um congresso em São Paulo, por exemplo, e responder por que em hospitais de referência em Salvador e Recife ainda não se faz um trabalho à altura do que conseguimos fazer aqui”.

500

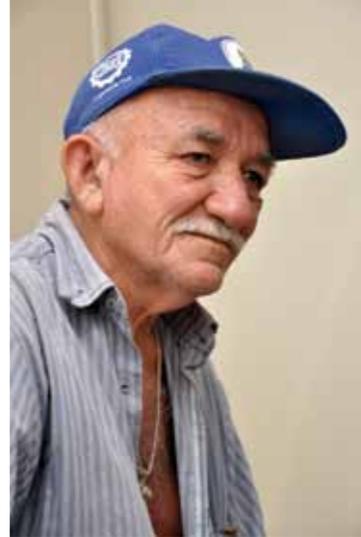
Vida nova

O avanço silencioso da doença no fígado faz com que muitas pessoas procurem tratamento quando o quadro só é reversível por meio do transplante. Foi o caso do aposentado Pedro do Nascimento, 67 anos de idade e sete de transplante. Quando a cirrose gravíssima que o acometeu mostrou os primeiros sintomas, já houve a necessidade de internação. Mas o alívio só veio após um ano aguardando na fila de espera. “Por causa da minha idade a recuperação foi mais difícil, e fiquei perto de três meses internado. Graças a Deus, hoje só venho aqui de seis em seis meses fazer o acompanhamento e minha vida melhorou cem por cento”, garante.

O boné que usava, quando UP o entrevistou, trazia as logomarcas da UFC e do Hospital Universitário, símbolos do carinho que sente. “Agradeço demais à Universidade e a todo o pessoal daqui, pois nasci de novo, e hoje posso contar a história para a minha filha e os meus quatro netos. Depois dessa cirurgia, ainda pretendo viver mais uns 50 anos!”.

Já a ex-professora e hoje microempresária Emília Rabelo confundiu os primeiros sinais da insuficiência hepática com sintomas de gravidez. Uma cirrose biliar primária, ainda sem causa conhecida, deixou-a sem menstruar por vários meses. Casada e ansiando por tornar-se mãe, foi durante uma ultrassonografia que surgiu o alerta de que poderia ter algum problema mais grave.

“Quando cheguei aqui no hospital, a equipe diagnosticou uma cirrose avançada. Na época em que descobri a doença, nem existia transplante aqui no Ceará, então tive de ir fazer o tratamento no Rio de Janeiro, onde fiquei internada no Hospital dos Servidores do Estado e aguardando na fila”, relembra. Após seis meses no Rio, foi avisada de que a equipe da UFC começara a fazer o procedimento. Voltou para cá em outubro de 2002 e foi transplantada em feverei-



Para o aposentado Pedro do Nascimento, transplante só aconteceu depois de um ano na fila de espera



Gravidez de Emília Rabelo depois de quase dois anos transplantada surpreendeu os médicos

ro de 2003.

Com a grande quantidade de remédios exigida, ela já não acreditava mais na possibilidade de recuperar a fertilidade, mas cerca de um ano e nove meses após o transplante a notícia de uma gravidez deixou surpresos ela e os médicos. “Acho que fui a primeira transplantada desse centro a dar à luz após a operação. A Emilly nasceu em agosto de 2005, com perfeita saúde, apesar da gravidez de risco”, conta a mãe.

A filha em seus braços ajudou-a a superar os obstáculos e preconceitos que enfrentou durante a doença e no pós-operatório. Conforme a doença avançava, além do agravamento dos sintomas, também houve a resistência das pessoas ao redor. “Quando tive icterícia (amarellecimento dos olhos), era comum ficarem reparando, principalmente crianças. Lembro que um menino me viu e disse para a mãe que eu tinha os olhos do incrível Hulk”, relata, rindo, do que antes era um motivo de tristeza e vergonha. Antes de entrar em licença médica por três anos, Emília também dava aulas em uma escola particular e trabalhava em uma empresa de telefonia, mas acabou perdendo os dois empregos.

Hoje saudável e de bem com a vida, ela agradece: “Foi muito cômodo poder fazer o transplante aqui, perto da minha casa e da minha família, com essa equipe maravilhosa.

Quando contei para a minha filha o que aconteceu, expliquei que fiquei dodói e precisei ‘trocar de fígado com outra pessoa’. Por isso, ela costuma dizer que é o milagre da vida”, diz, abraçando a menina.

Diagnóstico é desafio

Segundo Huygens Garcia, o maior problema no Ceará e no Brasil é que muitos doadores não são notificados a tempo. De acordo com ele, a região do Cariri, com mais de 1 milhão de habitantes, possui potencial para ter de 30 a 40 doadores anuais, mas foram apenas dois em 2010. Já Sobral, na região norte, teve uma melhora nos índices, mas passou dois anos sem nenhum doador.

“A negação da doação no Ceará gira em torno de 30% a 40% das pessoas com morte encefálica, mesmo sendo um diagnóstico irreversível. O maior desafio não é aumentar o número de centros, mas sim o número de doadores, agilizando os diagnósticos de morte encefálica”, defende o cirurgião. Apenas assim, vislumbra Huygens, seria possível atingir o nível dos centros de primeiro mundo: de 25 a 30 doadores por milhão de habitantes. ¹⁰



Acreditamos que a **educação** é o caminho mais seguro para a promoção do **crescimento social**.

É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.

CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO - CETREDE
Av. da Universidade, 2932 - Benfica. Fortaleza-CE
CEP: 60020-181 / Telefone: 85 3214 8200
www.cetrede.com.br

EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO E DESENHO
FELIPE LIMA
oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com



FCPC e UFC: Rumo a excelência no desenvolvimento científico do Ceará



Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP: 60.020-181
Fortaleza/CE. Fones: (85) 3243. 1620; 3281. 3444 - Fax: 3243. 5381
www.fcpc.ufc.br



Melhor
para a sua
empresa

Crédito para Franquias do Banco do Nordeste.

Sua empresa não vai querer ficar sem ele.

SLA 100%



Seu sonho de ter uma franquia já pode contar com o apoio do Banco do Nordeste. Só ele oferece crédito diferenciado, com **os menores juros e melhores prazos do mercado** para você implantar, ampliar ou modernizar a sua franquia. Passe em uma agência do Banco do Nordeste e conheça mais este e outros produtos do melhor banco para a sua empresa.

**Banco do
Nordeste**



Cliente Consulta | Ouvidoria:
0800 728 3030
www.melhorparasuaempresa.com.br